

A ARQUEOLOGIA DO CONTORNO LESTE DE CURITIBA

Eliane Maria Sganzerla *
Igor Chmyz *
Jonas Elias Volcov *
Rucirene Miguel **
Antonio Carlos M. Cavalheiro **

* Pesquisadores do CEPA/UFPR

** Estagiários do CEPA/UFPR

RESUMO - Pesquisas de salvamento arqueológico realizadas no espaço compreendido pelo traçado rodoviário do Contorno Leste de Curitiba. Os trabalhos realizados resultaram na localização de 6 sítios arqueológicos e, 2 locais com indícios de atividades periféricas. Entre os primeiros, 2 estão relacionados a grupo pré-ceramista da tradição Umbu e, 4 a grupos ceramistas das tradições Itararé (2), Tupiguarani (1) e Neobrasileira (1). Os indícios vinculam-se às tradições Umbu e Tupiguarani.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia de Salvamento; Arqueologia Brasileira; Arqueologia de Curitiba.

INTRODUÇÃO

A necessidade da duplicação da BR-116/PR e, seu desvio da área metropolitana de Curitiba, com a construção de um contorno na região leste da Cidade resultou na assinatura de um Contrato entre o DNER/IME e a FUNPAR/CEPA/UFPR, para a realização de um Projeto de Salvamento Arqueológico.

A falta de informações sobre a existência de sítios arqueológicos nos trajetos em pauta, motivou o desmembramento do projeto em duas etapas. A ocupação humana de um dos espaços era referenciada somente pela etno-história, a qual apontava a possibilidade da existência de seus vestígios.

Na primeira etapa, realizada entre os dias 05 de fevereiro e 14 de março de 1996, os trabalhos limitaram-se à execução de prospecções na faixa ou faixas de rolamento a serem implantadas e, às suas áreas de domínio, visando a constatação de patrimônio arqueológico e histórico.

Esse trabalho preliminar resultou na localização de 5 espaços com evidências de assentamento humano, situados ao longo do eixo projetado do Contorno Leste de Curitiba. As demais áreas a serem implantadas, localizadas entre a represa do Capivari e o Estado de São Paulo, nada revelaram.

Relatório técnico com os resultados obtidos e, recomendações sobre os procedimentos a serem desenvolvidos foi encaminhado ao DNER/IME, desencadeando-se a efetivação da segunda etapa de trabalho, com a execução do Projeto de Salvamento, realizado entre os dias 10 de junho e 10 de setembro de 1996.

A autorização para a pesquisa foi concedida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através da Portaria Nº 286/96.

O material proveniente dos sítios trabalhados encontra-se depositado no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA/UFPR).

METODOLOGIA DO PROJETO

Na primeira etapa os trechos compreendidos entre as cabeceiras das pontes sobre a represa do Capivari e a divisa com o Estado de São Paulo e, a área pretendida para a construção do Contorno Leste de Curitiba (trecho Pinheirinho - Quatro Barras), foram prospeccionados. Nos espaços já comprometidos com alguma atividade inerente à obra de engenharia civil, restringiram-se à visualização de superfície. Naqueles intactos ou com revestimento

florístico, foram realizados cortes-experimentais para constatação de evidências relacionadas à ocupação pretérita e, para sua delimitação.

O material obtido através de coletas superficiais ou, pela abertura dos cortes-experimentais, reunido em pequeno acervo, possibilitou a caracterização cultural das ocupações.

Na segunda etapa, com a implantação do Projeto Arqueológico Contorno Leste de Curitiba, os sítios arqueológicos previamente localizados foram estudados detalhadamente.

Constatou-se, então, que a intensa urbanização da área em pauta ocasionou perturbações nos sítios arqueológicos. A camada das ocupações comumente estavam revolvidas ou erodidas, restando delas apenas pequenos trechos residuais. Apesar da descaracterização, entretanto, foi possível a realização de raspagens amplas e lineares nos espaços remanescentes de 3, a abertura de cortes-estratigráficos em 1, além de coletas superficiais em todos.

Os sítios foram delimitados com precisão, registrados e topografados. As operações de campo foram descritas em fichas padronizadas e ordenadas de acordo com os números de catálogo do CEPA/UFPR. Documentação fotográfica das áreas ocupadas e dos trabalhos desenvolvidos também foi efetuada.

Em laboratório, as coleções obtidas, após limpeza e marcação, passaram por processo de análise para diagnóstico de fases e tradições. Mapas e plantas foram confeccionados, permitindo a visualização espacial da ocupação.

A metodologia de campo e laboratório empregada no Projeto originou-se naquela utilizada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) (1969:3), a qual, por sua vez, foi uma aplicação da desenvolvida por James A. FORD (1962), Clifford EVANS e Betty J. MEGGERS (1965 e 1970). A execução de salvamentos arqueológicos pelo CEPA/UFPR, paralela e posteriormente ao PRONAPA, pela extensão maior das áreas trabalhadas e, a necessidade da inclusão rápida de um volume maior de dados nas publicações, introduziram adaptações e inovações em relação ao da metodologia original, como a que foi empregada pelo Projeto Arqueológico Nova Ponte, em Minas Gerais (1992/1994) (CEMIG/LEME, 1995).

Esses eram nômades e constituídos por pequeno número de pessoas que se dedicavam à exploração dos recursos naturais, como a caça e a coleta. Detentores de uma indústria lítica bem desenvolvida, produziam utensílios que os auxiliavam em suas atividades. Sítios a eles relacionados foram localizados na nascente de um afluente do rio Iguaçu, em São José dos Pinhais (PR CT 35), ao lado do mesmo rio, no Bairro de Umbará (PR CT 37), do rio Passaúna, em Araucária e Campo Largo (PR CT 43, 46, 48 e 55) e do rio Açungui, também em Campo Largo (PR RB 4) (Fig. 1).

Ocupavam a encosta de elevações ou terrenos planos de várzea e, pelas características de sua indústria lítica, comparam-se aos filiados à fase Iguaçu, pertencente à tradição Umbu. Nesta fase estão presentes pontas de projéteis elaboradas sobre lascas e lâminas de silexito, arenito silicificado e quartzo. Datações situam-na em torno de 1160 a.C., estando ela, ligada a outras fases estudadas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai. (CHMYZ, 1995, p.22-23)

Os grupos ceramistas, compostos por maior número de pessoas e, que permaneciam mais tempo no lugar selecionado para o aldeamento, além de se dedicarem às atividades de caça e coleta como os anteriores, produziam uma parte de sua alimentação através do cultivo de plantas.

Sítios ligados a estes grupos foram encontrados pelo PRONAPA, entre os Municípios de Contenda e Palmeira, no vale do rio Iguaçu (PR CT 2, 13, 24 e 32). Apresentando acervos culturais comparáveis, definiram a fase Açungui, de tradição Itararé. Posteriormente, outros foram registrados ao lado do rio Iguaçu, no Bairro de Umbará (PR CT 38), ao lado do rio Passaúna, em Araucária e Campo Largo (PR CT 52 e 53) e ao lado do rio Açungui, no Município de Rio Branco do Sul (PR RB 1) e, podem estar a ela relacionados.

A tradição Itararé se caracteriza pela presença de vasilhas cerâmicas de pequenas dimensões e com paredes delgadas. Apresentam formas hemisféricas, globulares, elípticas e cônicas, com bases convexas e planas. A maioria mostra as faces apenas alisadas, raramente recebendo, depois do alisamento, uma camada de engobo vermelho como impermeabilizante e decoração.

O seu instrumental lítico resume-se a lâminas de machados cilíndricos e longas mãos de pilões polidas. São comuns, também,

quebradores de coquinhos e, lascas e núcleos com sinais de uso resultantes da ação de cortar, raspar e bater.

Traço marcante dessa tradição, constatado em um dos sítios localizados nas proximidades de Curitiba, está representado pela construção de casas subterrâneas, as quais eram utilizadas nos meses de inverno. *“Escavando um espaço circular no solo e cobrindo a abertura externa com folhas, o índio obtinha um abrigo eficiente contra as intempéries dos meses frios do ano. Essas habitações são registradas nas fases situadas nas regiões mais frias e não excluem, nos seus sítios, as habitações normais, construídas de madeira e folhas na superfície do terreno; estas eram utilizadas nos meses quentes.”*(CHMYZ, 1995, p.27)

Essa tradição foi registrada em quase todo o Estado do Paraná, especialmente no médio rio Iguaçu. Nos sítios localizados no litoral, encontravam-se sobre a superfície de sambaquis. Ocorre, ainda, nos Estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, regiões limítrofes do Paraguai e Argentina.

A tradição Itararé está, possivelmente, relacionada aos índios Xokleng, pertencentes à família lingüística Jê, descritos nos relatos etnográficos. Algumas de suas fases apresentam datações que variam entre 250 d.C. e 1780 d.C.

Outro grupo ceramista registrado em grande parte do território brasileiro e, estudado em diversos sítios no Estado do Paraná, filia-se à tradição Tupiguarani. Na área abordada, estão representados por duas fases: Imbituva e Guajuvira. No material cerâmico correspondente às duas fases, os recipientes reconstruídos são diversificados, ocorrendo desde pequenas tigelas até grandes urnas carenadas. Somam-se, ainda, painéis e vasos de dimensões medianas, com bojos globulares e carenados. Grande percentagem da cerâmica mostra suas faces alisadas; em outras, as superfícies são decoradas por corrugação, unguilação, ponteados, impressão de tecido, malha e cestaria. Em alguns se evidencia o uso de engobo vermelho e engobo branco e, sobre este último, pinturas em vermelho e preto, com motivos geométricos.

O material lítico comum em ambas as fases, está representado por lâminas de machado achatadas e polidas; abrasadores planos e sulcados, usados para desgastar, arredondar, polir e afiar outros

objetos de pedra, de osso e de madeira; talhadores para cortar e, raspadores com reentrâncias ou escotaduras laterais, os quais eram empregados no acabamento roliço de possíveis lanças, bordunas e arcos. Na fase Guajuvira encontram-se, ainda, pedras achatadas com entalhes laterais que possibilitavam a sua fixação a um cabo, permitindo o seu uso como martelos, além de pilões polidos, usados para moenda de grãos de plantas silvestres ou cultivadas. Lâminas de machados cilíndricas e polidas, mãos de pilões roliças e curtas, também polidas, quebradores de coquinhos, perfuradores e algumas variedades de raspadores são característicos apenas da fase Imbituva. (CHMYZ, 1995, p.29-30)

Intrusivamente, nas duas fases da tradição Tupiguarani, ocorre cerâmica da tradição Itararé. Na fase Guajuvira, o acervo cerâmico revela, além da contemporaneidade com grupos filiados à última tradição, contatos interétnicos, os quais foram evidenciados pela presença de traços característicos da tradição Itararé nas formas e na decoração dos seus recipientes (CHMYZ, 1977, p.5)

A presença de traços europeus na fase Guajuvira, principalmente com a adoção de bases planas em pedestal em detrimento das bases tradicionalmente convexas ou levemente planas e, a ocorrência de ponta de projétil de ferro confeccionada sobre fragmento de panela junto ao acervo da fase Imbituva inferem que, cronologicamente, os grupos a elas relacionados encontravam-se na área no momento da entrada e instalação do europeu.

A progressão do processo aculturativo entre a população estrangeira, basicamente formada por portugueses, e os indígenas da família lingüística Tupi-Guarani é demonstrada nos sítios arqueológicos relativos ao período histórico.

Vários sítios com traços aculturados estudados nas imediações de Curitiba pelo PRONAPA (PR CT 1, no Bairro Alto; PR CT 18, em Palmeira; PR CT 40, em Almirante Tamandaré; PR RB 5, em Rio Branco do Sul e, os sítios PR RB 2 e 3 em Campo Largo) estão ligados à tradição Neobrasileira e foram filiados à fase Lavrinha. Trabalhos posteriores resultaram na localização de novos sítios relacionados à mesma tradição. O material obtido, no entanto, ainda não foi estudado e, os sítios permanecem sem filiação a fase. Situavam-se ao lado do rio Iguaçu, no bairro de Umbará (PR CT 39),

ao lado do rio Passaúna, entre Araucária e Campo Largo (PR CT 41, 44, 45, 47 e 49) e, ao lado do rio Una, afluente do rio Negro, no Município de Piên (PR PI 1).

A cerâmica encontrada nesses sítios mantém os mesmos padrões decorativos e a mesma técnica indígena de manufatura Tupiguarani. A sua forma, no entanto, mostra influências do modelo europeu. Assim, asas modeladas e aplicadas à superfície das vasilhas e, a utilização de técnicas mistas na decoração das peças, comumente são registradas ao lado de recipientes caracteristicamente indígenas.

Objetos modelados em barro e estatuetas antropomórficas também ocorrem e, embora haja garfos e facas entre outras peças de metal, a pedra continuou sendo usada nesses assentamentos. Elaborados sobre quartzito e arenito friável encontram-se quebradores de coquinhos e abrasadores planos e sulcados, além de pederneira de sílex usada para a produção de faísca em arma de fogo.

Influência africana está presente junto à tradição Neobrasileira, com a ocorrência de vasilhas com bases perfuradas para a preparação de cusuz, prato típico da sua culinária.

Nos sítios arqueológicos mais antigos pertencentes a essa tradição, as casas seriam cobertas com sapé. Seu acervo pode incorporar também, louça faiança, vidros, peças metálicas, como facas e armas de fogo. Em período posterior, ocorrem telhas goivas, junto a um acervo constituído por cerâmica confeccionada domesticamente e industrializada, além da louça porcelana. Cronologicamente, a substituição das telhas goivas por telhas francesas e, da cerâmica doméstica pela industrial, indica o último estágio relacionado à tradição Neobrasileira.

Os acervos relativos à tradição Neobrasileira detêm importantes informações sobre os vários momentos de ocupação do Estado do Paraná, abrangendo desde o contato inicial dos indígenas com os europeus e africanos até o começo deste século.

A ocupação humana pretérita do primeiro planalto paranaense evidenciada através das pesquisas arqueológicas é comprovada, em parte, pelas referências etno-históricas.

As primeiras informações sobre a presença de grupos indígenas no território paranaense datam de 1531/2, de acordo com

relatos da expedição enviada por Martim Afonso de Souza rumo ao Paraná, comandada por Francisco de Chaves e Pero Lobo, a qual foi dispersada por tribos indígenas.

Outros dados são fornecidos pela expedição de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que, em 1541, saindo da ilha de Santa Catarina seguiu por terra até a região dos Campos Gerais. O grupo, em muitos pontos, utilizou o caminho indígena do Peabiru e seus ramais. Esse caminho, que cortava o território paranaense no sentido longitudinal, era usado pelos indígenas em seus deslocamentos e tinha alguns de seus ramais no primeiro planalto. *“Partindo do litoral do Paraná e Santa Catarina, esses ramais demandavam o primeiro planalto na direção de Curitiba, infletindo depois para noroeste conectando-se, na altura de Castro, com o tronco do Peabiru.”* (CHMYZ, 1995, p.38)

Do naufrágio de Hans Staden em 1549, na altura da barra do Superagui, resultou a publicação em 1557 da primeira notícia sobre a baía de Paranaguá e, o seu primeiro mapa. Nela, Staden faz menção à coexistência de portugueses e índios tupiniquins.

Informações sobre a ocupação humana pós-cabralina no território paranaense são encontradas, também, nos relatos de portugueses interessados na preia de índios e na localização de minas auríferas que, saindo de Paranaguá penetraram no primeiro planalto em direção ao interior. Júlio E. MOREIRA (1975, p.364) conforme Francisco de Assis Carvalho Franco, refere-se a uma das primeiras entradas organizada pelo Capitão-mor Jerônimo Leitão em 1585 e, cita a presença de índios da família lingüística Tupi-Guarani, conhecidos desde o século XVI como Carijós *“...penetrou o território dos carijós, em direção aos cursos dos rios Tibagi, Cinzas e Paranapanema”*.

Estimativas sobre o número desses índios que habitaram os arredores da baía de Paranaguá são encontradas no trabalho de VIEIRA DOS SANTOS (1851, p.10) *“...se pode fazer hum calculo aproximado de que o total da população destes índios habitadôres das bahias talvez excedessem ao número de 6 a 8 mil habitantes”*.

Indicações sobre esses grupos, ocupantes do território paranaense no início de sua conquista são registradas, também, por Romário MARTINS (s/d:378): *“Dominavam, no século do descobrimento do sertão, os campos de Curitiba, a partir da encosta*

ocidental da Serra do Mar (São José dos Pinhais, Piraquara, Campo Largo, Araucária, Tamandaré, Colombo, Campina Grande do Sul e Rio Branco). Os Tinguis (“tin”gui- nariz afilado) não hostilizavam os aventureiros pesquisadores e exploradores de ouro que se estabeleceram com arraiais no Atuba e na chapada do Cubatão, inícios da formação de Curitiba. Deixaram ficar pelas imediações desses primeiros núcleos de população branca e foram serviçais das explorações auríferas, dos sítios de criação de gado, etc...”.

Com o avanço das frentes expansionistas, principalmente em busca do ouro, o Planalto Paranaense foi, gradativamente, sendo ocupado.

Pioneiros fixados na Ilha da Cotinga se projetaram pelo continente subindo os rios que alimentam a Baía de Paranaguá até suas nascentes, povoando e explorando minas de ouro às suas margens. Com o mesmo intuito, ultrapassaram a Serra do Mar atingindo o primeiro planalto.

A ligação entre o primeiro planalto e o litoral foi estabelecida através de caminhos que serpenteavam a Serra do Mar. Hoje, essas primeiras vias de comunicação que, provavelmente, foram o aperfeiçoamento de trilhas indígenas pelas quais os nativos desciam ao litoral na época da mariscagem e da pesca, são conhecidos como Caminhos Coloniais, destacando-se entre eles, o Caminho da Graciosa, do Arraial e do Itupava, os quais se relacionam diretamente com a área do futuro Contorno Leste de Curitiba.

Segundo Júlio Moreira, as primeiras trilhas das margens do rio do Pinto deram origem ao Caminho do Arraial. Não está completamente esclarecido quando foram abertas estas vias de comunicação entre o litoral e o primeiro planalto. VIEIRA DOS SANTOS (1851, p.14) no entanto, fornece uma estimativa da data: *“Comprova-se as antigüidades dos piques que os primeiros colonos fizeram na abertura dessas Estradas, serem em muitos anos anteriores aos da fundação da Vila de Curitiba, que foi em 1654, ponto este por onde se deve medir o longo espaço de tempo de 60 a 70 anos, por onde foi o pique feito na Estrada de São José dos Pinhais, foi aberto em o ano de 1586 até 1590; dando o espaço de 8 a 12 anos depois da era de 1578, em que corria a fama, segundo as histórias, de se trabalhar muito em Paranaguá em minerações de*

ouro”.

A antiga picada iniciava *“no porto de Curitiba (Padre Veiga) e, posteriormente, em Morretes, subia a serra pelo vale do rio do Pinto até o Arraial Grande e, daí em diante, atravessava os campos de São José dos Pinhais”* (MOREIRA, 1975, p.368)

Arraial Grande foi uma das primeiras povoações entre o litoral e os campos de Curitiba. Situando-se à margem do rio do mesmo nome, entre os rios Pequeno e Grande (Iguaçu) e o rio Miringuavamirim, na região dos campos de São José e Ambrósios, comunicava-se com a região litorânea. Pela sua localização estratégica tornou-se um importante centro de comércio ligando Paranaguá, Antonina e Morretes à São José dos Pinhais, Curitiba e grande área da região sul do rio Iguaçu. Ocupava-se, além das lavras de ouro, com o comércio feito com os viandantes. Esse povoado conhecido na primeira metade deste século por “Pilão de Pedra”, assim como outros da mesma fase, degenerou-se com o esgotamento das minas de ouro. Os moradores que lá restaram, majoritariamente, eram proprietários de pequenas lojas de secos e molhados que atendiam à demanda dos viajantes.

Do alto da serra, os mineradores começaram a espalhar-se por ramais que levavam aos campos de Curitiba. *“Uma delas seguia para o local hoje conhecido por Nova Tirol, ou, Santa Maria e daí ao rio Piraquara, onde se unia à trilha que vinha da encruzilhada do caminho do Itupava e se dirigia para São José dos Pinhais. A outra tomava rumo do poente pelo divisor das águas dos rios Pequeno e Miringuava até chegar aos campos de Águas Belas (local atualmente situado a meia-distância entre São José e o Aeroporto Afonso Pena)”* (MOREIRA, 1975, p.369)

Nas proximidades do sítio das Águas Belas, de propriedade do Padre João da Veiga Coutinho, formou-se um outro povoado que recebeu o nome de São José dos Pinhais. *“Esse era o ponto em que, administrativamente, terminava o Caminho do Arraial. Esta nova povoação logo se tornou importante centro de influência da região. A freguesia de São José dos Pinhais ficou sendo o encontro de diversos caminhos, que mais tarde se tornaram importantes estradas, destacando-se dentre eles o de Curitiba e o dos Ambrósios”* (MOREIRA, 1975, p.369)

O ramal que ligava São José dos Pinhais ao rio Piraquara, foi aberto ainda no princípio do povoamento dos campos planaltinos e, objetivava a comunicação dessa incipiente povoação à Estrada do Itupava. A trilha seguia os campos, terminando na ponte do rio Piraquara, onde se encontrava com outra procedente do Arraial Grande. “*Partia de São José, rumo este-nordeste, passando pelo atual aeroporto, rio Pequeno, rio Itaquí, para, pouco adiante, unir-se ao ramal do Arraial Grande ao rio Piraquara, para juntos, formando um único caminho atravessarem aquele rio*” (MOREIRA, 1975, p. 453)

Os campos de Piraquara foram ocupados desde o século XVII, pois muitos dos mineradores que lá andaram à cata do ouro fixaram residência próxima aos cursos fluviais e, às estradas que davam acesso tanto a oeste como ao litoral. Datam do início do século XVIII os primeiros registros de sesmarias doadas nessa região, as quais destinavam-se à ocupação e exploração definitiva da terra.

Partindo desse local em direção norte rumo ao atual Município de Quatro Barras, um atalho conhecido como Atalho de Piraquara permitia o acesso ao Caminho do Itupava.

Segundo Júlio MOREIRA (1975, p.5), esse caminho, que foi a principal via de comunicação e comércio entre o litoral e o interior do Paraná durante os séculos XVIII e XIX, “*Começava no passo do rio Belém em Curitiba (lugar em que atualmente fica o Largo Bittencourt, junto ao Círculo Militar), rumando sempre em direção leste transpunha os rios Belém e Juvevê, cruzava o rio Bacacheri, subindo para o Bairro Alto até o rio Atuba. Deste ponto seguia atravessando o rio Palmital até atingir a Borda do Campo. Alcançava o Pão de Lot, morro onde principiava a serra, e de lá rumava até o Porto de Cima, local em que findava o caminho. A viagem até Paranaguá seguia, então, através de primitiva navegação pelo rio Cubatão (Nundiaquara)*”.

O povoamento às margens do Caminho se fez, após o esgotamento das minas de ouro, com a instalação de propriedades destinadas à pequena lavoura e à criação de gado. Uma das primeiras regiões habitadas no planalto foi a localidade denominada Borda do Campo.

Auguste de Saint-Hilaire, percorrendo esse Caminho no começo do século XIX, relata sobre uma antiga fazenda de posse da Companhia de Jesus: “*A fazenda onde parei, denominada Borda do*

Campo, tinha sido também uma propriedade dos antigos jesuítas. Depois de sua expulsão, a propriedade foi administrada inicialmente pela Fazenda Real, mas como não produzisse nada nas mãos dos funcionários do governo, ela foi levada a leilão” (SAINT HILAIRE, 1978, p.88)

A sua localização permitia que servisse, concomitantemente, de hospedagem aos viajantes que necessitavam transitar entre o litoral e os Campos de Curitiba.

Atualmente Borda do Campo é um distrito do Município de Quatro Barras, que também abriga uma parte do percurso do Caminho da Graciosa. O trajeto da Estrada da Graciosa partia de Curitiba, seguia em sentido nordeste e, passando pela cidade de Quatro Barras continuava até um pouco além do rio do Corvo, ao sopé do Morro Sete, quando descia a serra rumo a Antonina. As primeiras informações sobre a abertura de sua trilha, ligando os Campos de Curitiba à Baía da Freguesia do Pilar (hoje Antonina) conforme Júlio Moreira, datam de 1646, quando Gabriel de Lara, supostamente o teria aberto e abandonado em 1653, em benefício do Caminho do Itupava. Este Caminho, usado sucessivamente em curtos espaços de tempo, sofreu ininterruptos fechamentos, pois havia maior interesse que o escoamento de mercadorias e, mesmo o trânsito dos viajantes, se fizesse através do Caminho do Itupava e de Morretes, utilizando-se assim, em detrimento do Porto de Antonina, o Porto de Paranaguá. Somente com a emancipação da Província do Paraná, em 1853, é que foi planejada e executada a abertura de uma estrada carroçável, cuja construção ultimou-se em 1872.

A própria trilha oferecia condições para a ocupação nessa área, principalmente por faiscadores. Com o declínio da mineração surgiram sítios e lavouras que os moradores obtinham com petição de sesmarias. A abertura definitiva da Estrada da Graciosa veio intensificar, para essa região, o número de propriedades, principalmente as destinadas à produção de erva-mate e, à extração de madeira nos séculos XVIII e XIX.

Os caminhos coloniais desempenharam papel relevante para a consolidação do povoamento dos campos de Curitiba, assim como do próprio interior do Estado. A ocupação do primeiro planalto, efetivada às margens dos rios e ao longo dessas rotas, é corroborada

pela arqueologia com a localização dos sítios Neobrasileiros PR CT 1, ao lado do Caminho do Itupava e, do PR PI 1, situado nas cercanias do caminho dos Ambrósios (Fig. 1).

RESUMO DA ARQUEOLOGIA

As prospecções efetuadas durante a primeira etapa do Projeto Arqueológico Contorno Leste de Curitiba revelaram a existência de 5 locais com evidências de ocupação humana pretérita no espaço a ser impactado pela sua instalação (Fig. 2).

Na segunda etapa do Projeto mais 1 sítio foi encontrado, o qual, como os anteriores, foi delimitado, topografado e registrado. Em todos foram praticadas coletas superficiais. Em 3 foram efetuadas raspagens e, em 1, cortes-estratigráficos.

Entre os sítios arqueológicos trabalhados, 2 estão relacionados a grupo pré-ceramista e, 4, a grupos ceramistas. Dois locais com indícios de atividades periféricas também foram registrados. Um vincula-se ao primeiro grupo e, outro, a um dos do segundo.

Os dois sítios pré-cerâmicos pertencem à tradição Umbu. Esta tradição se caracteriza pelo conhecimento de técnica de lascamento aprimorada para a confecção de seu instrumental lítico, entre os quais destacam-se pontas de projéteis pedunculadas.

O de área maior pode ser considerado como habitação; o outro deve corresponder a um sítio acampamento. Situavam-se no pé de uma vertente e, no topo de uma elevação, medindo 902,75 e 5.286,19m², respectivamente. Mostravam perturbações decorrentes de atividades agrícolas, terraplenagem e provocadas pela erosão. Conservavam, no entanto, pequena camada residual com 6,28 e 74,18m². Raspagens efetuadas nos espaços remanescentes conseguiram captar restos da base da ocupação. Estavam aos 5cm de profundidade no primeiro sítio e, aos 12cm no segundo.

Indício lítico representado por uma ponta de projétil pedunculada foi registrado 170m a leste do segundo sítio e, pode indicar atividade de subsistência nas proximidades da aldeia.

Entre os sítios ceramistas detectados, 2 estão filiados à tradição Itararé, 1 à tradição Tupiguarani e, 1 à Neobrasileira.

Os primeiros ocupavam o topo de elevações. Estavam a 405 e 355m das margens dos cursos fluviais maiores, em terra argilo-arenosa de coloração preta.

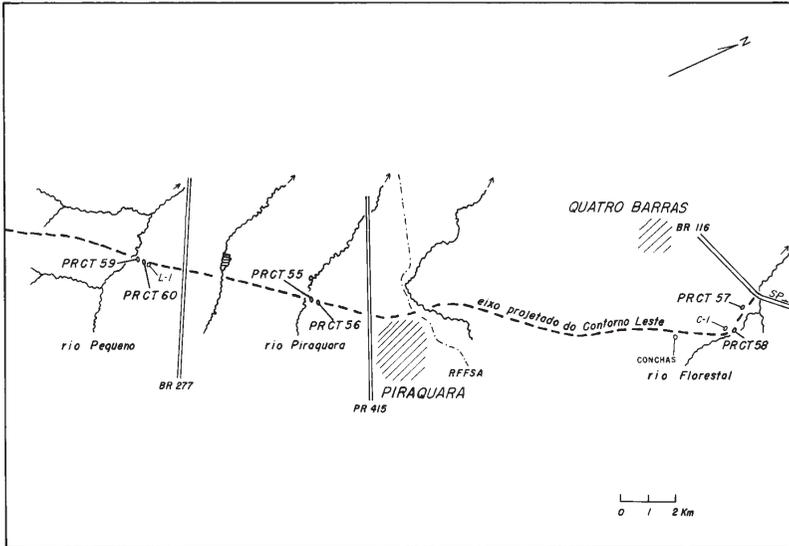


FIGURA 2. Localização dos sítios e indícios arqueológicos pesquisados ao longo do eixo projetado da Rodovia do Contorno Leste de Curitiba

Relacionados a sítios habitação e acampamento, mediam 3.038,73 e 244,92m² respectivamente e, mostravam-se bastante alterados em consequência de contínuas atividades agrícolas. Espaços residuais, entretanto, com 313,21 e 21,98m² foram constatados e, permitiram a realização de raspagens, através das quais se tornou possível o acompanhamento do piso das ocupações. Estavam aos 20cm no primeiro sítio e, entre 13 e 15cm de profundidade no segundo.

A ocupação filiada à tradição Tupiguarani, também representada por um sítio acampamento, foi registrada no flanco de uma elevação, em meio a terra argilosa de cor marrom-escuro. Práticas agrícolas contínuas descaracterizaram-na e, o material arqueológico era rarefeito, espalhando-se por uma área com 353,25m². Como nos demais sítios,

em pequeno espaço residual com 62,80m² permaneceu o piso da ocupação e, raspagens puderam ser praticadas.

Indício relacionado a essa tradição foi localizado 525m a sudoeste do sítio. Estava no topo de suave elevação.

O sítio arqueológico pertencente à tradição Neobrasileira foi encontrado a 465m da margem direita do rio Piraquara. Dispunha-se na encosta de uma elevação, em terra argilosa marrom-escuro.

O local fora completamente alterado por intensas atividades agrícolas e, por acentuado processo erosivo. Apenas coletas superficiais puderam ser realizadas. O material era encontrado por uma área com 2.166,60m².

Nas proximidades do sítio PR CT 58 e do indício cerâmico C-1 foram encontrados, em uma área agrícola, conchas da malacofauna marinha (Fig. 2). Distribuíam-se esparsamente e pertenciam a moluscos de diferentes faixas etárias. Foram identificadas conchas de berbigão (*Anomalocardia brasiliana*) e de ostra (*Ostrea* sp.).

REGISTRO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Para a descrição dos sítios neste relatório foi obedecida a ordem de registro, independentemente da sua categoria genérica.

As siglas utilizadas para a identificação dos sítios correspondem ao sistema de áreas adotado pelo CEPA/UFPR. Todos estão englobados pela área PR CT que significa, respectivamente, Paraná e Curitiba. Os números seqüenciais indicam a ordem do registro. Cada sítio, além da sigla, recebeu um nome que o relaciona ao curso fluvial mais próximo.

Os indícios foram numerados e identificados pelas letras L e C, de acordo com a categoria genérica a que pertencem: lítico e cerâmico.

As coleções obtidas nos locais arqueológicos foram arroladas conforme seqüência numérica do catálogo mantido pelo CEPA/UFPR.

Descrição dos sítios arqueológicos

PR CT 55: Rio Piraquara - 1 (Nº C 3094)

Sítio pré-cerâmico relacionado à tradição Umbu localizado no Município de Piraquara, a 240m da margem direita do rio Piraquara (Fig. 3). Situava-se no pé de uma vertente com pouca declividade em direção ao rio, 5m acima do nível de suas águas (885m s.n.m.).

O local estava com pastagem e arbustos esparsos. Fora arado, sendo possível observar ainda, na superfície, resíduos de antiga plantação de milho. A leste, em meio ao pasto, foram preservados pinheiros de grande porte e, ao sul e oeste, área de mata. Acompanhando as margens do rio havia faixa de várzea.

A terra era argilo-arenosa, de cor preta e mostrava-se lixiviada.

Diversos cortes-experimentais foram executados no local para a delimitação da área ocupada. No espaço desmatado, a terra preta ocorria até 5cm de profundidade. Abaixo, tornava-se marrom-escuro, argilosa, com grande quantidade de seixos e quartzo até 48cm. Nessa profundidade mostrava-se marrom-claro, argilosa e com pequenos seixos. Evidências arqueológicas ocorriam junto à terra preta. Nos trechos com mata a terra preta, argilo-arenosa atingia 25cm de profundidade. Para baixo, apresentava as mesmas características dos cortes descritos acima. Revelaram-se, no entanto, estéreis.

O material arqueológico foi registrado esparsamente em uma área com 46 X 25m (902,75m²), dispendo o eixo maior em sentido perpendicular ao rio. O sítio era cortado, no sentido L-O, pelo leito de antiga estrada e apresentava, nas porções medianas de seu lado sul, margeando a estrada, pequena concentração com 4 X 2m (6,28m²).

A camada de ocupação, além de sofrer alterações causadas pelas atividades agrícolas e pela abertura da estrada, mostrava perturbações resultantes de erosão laminar. As enxurradas, acompanhando a declividade do terreno e canalizando no leito da estrada, levaram junto com a terra o material arqueológico. Este ficou depositado a 40m do extremo oeste do sítio, em meio à sedimentação da várzea.

Coletas superficiais foram realizadas neste espaço e, em toda a área do sítio.

Durante o desenvolvimento da primeira etapa do projeto, quando o local foi encontrado, na pequena concentração a camada residual mostrava-se exposta e, as evidências foram então coletadas através

de raspagens amplas, que atingiram parcialmente o espaço. Observou-se, na ocasião, que da camada de ocupação restava apenas o piso. O material formava uma linha contínua na junção do solo preto com o marrom-escuro. Na segunda etapa do projeto constatou-se a total destruição da camada remanescente pela erosão laminar provocada por chuvas intensas.

A nordeste do sítio, a 43m de distância, em uma área com 5 X 5m (19,62m²), lascas pequenas de basalto foram registradas. Indicam atividade separada do corpo da aldeia (Fig. 3, elipse cheia isolada).

Afloramento de granito foi localizado 248m a leste do sítio, nas proximidades do sítio cerâmico PR CT 56.

PR CT 56: Rio Piraquara - 2 (Nº C 3095)

Sítio cerâmico pertencente à tradição Neobrasileira localizado no Município de Piraquara, a 465m da margem direita do rio Piraquara (Fig. 3). Ocupava a encosta de uma elevação voltada para o rio, 12m acima do nível de suas águas (892m s.n.m.).

O local, situado a 185m a leste do sítio PR CT 55, estava com pasto e arbustos esparsos. O terreno fora arado e explorado para cultivo de milho, do qual viam-se resíduos pela superfície. Ao norte e leste, era cortado por vala de antigo córrego. Acompanhando as suas margens conservava-se, ainda, mata rarefeita característica de várzea. Ao norte, oeste e leste do córrego seco havia grande área com mata. Ao sul, o terreno estava arado.

A terra, bastante compacta, era marrom-escuro e argilosa. Mostrava-se lixiviada em consequência da erosão laminar, com grande quantidade de seixos.

O material arqueológico ocorria esparsa e superficialmente por uma área com 60 X 46m (2.166,60m²), dispendo o eixo maior em sentido perpendicular ao rio.

Apenas coletas superficiais puderam ser efetuadas. O acentuado processo erosivo e, a construção de curvas de nível agrícolas para a sua contenção, revolveram completamente a camada de ocupação.

PR CT 57: Rio Florestal - 1 (Nº C 3096)

Sítio cerâmico da tradição Itararé localizado no Município de Quatro Barras, a 405m da margem esquerda do rio Florestal e, a 360m da nascente de um córrego (Fig. 4). Encontrava-se no topo de uma elevação voltada para o vale do primeiro curso fluvial, 36m acima do nível de suas águas (891m s.n.m.). Estava a 6m do leito de uma estrada secundária de ligação entre a cidade de Quatro Barras e a BR 116. No lado oposto da estrada situava-se a fábrica de explosivos Britanite.

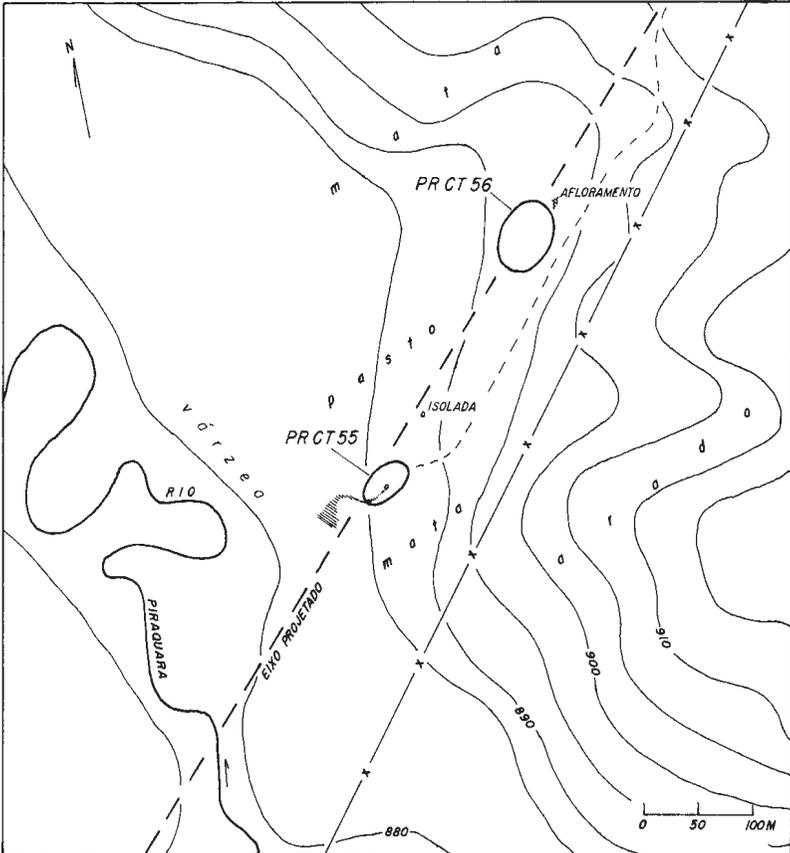


FIGURA 3. Localização do sítio pré-cerâmico PR CT 55: Rio Piraquara -1 e do sítio PR CT 56: Rio Piraquara -2

A superfície apresentava-se coberta por gramíneas, sabugos e talos de milho, o qual tinha sido recém colhido, dificultando a sua visualização. Nos arredores predominava cultivo de milho. Nas nascentes do córrego e, margeando o rio, conservava-se estreita faixa de mata secundária rarefeita.

A terra era argilo-arenosa, de coloração preta. Ao sul era avermelhada, argilosa e com seixos.

Em meio à terra escura ocorriam fragmentos de telhas eternite e francesas, além de pedra britada, fragmentos de vidros, plásticos e outros resíduos de ocupação recente. De acordo com informações do proprietário, o local, nas partes mais baixas, fora terraplenado para a construção de um campo de futebol da fábrica Britanite. No topo da elevação, teriam sido construídos vestiário e churrasqueiras.

O material arqueológico foi registrado em meio à terra preta, por uma área com 79 X 49m (3.038,73m²), dispendo o eixo maior em sentido paralelo ao rio. Tendia a formar um adensamento com 21 X 19m (313,21m²) no topo da elevação, nas porções medianas do sítio.

Nesse espaço, apesar da descaracterização da camada de ocupação, constatou-se a presença de delgada faixa remanescente. Foram, então, realizadas raspagens lineares no sentido perpendicular, que revelaram o início da ocorrência e, amplas, na porção onde o material se mostrou mais numeroso. A terra no espaço trabalhado e, também nos diversos cortes experimentais abertos para a delimitação da ocorrência era preta, argilo-arenosa até 20cm de profundidade. Abaixo, até 29cm era marrom-claro, argilo-arenosa e mais compacta. Aos 29cm mostrava-se marrom-claro, sem alteração na textura. As evidências arqueológicas foram registradas junto à terra escura, misturadas aos restos da ocupação recente. No contato entre o solo preto com o marrom formavam uma linha, como piso.

PR CT 58: Rio Florestal - 2 (Nº C 3097)

Sítio cerâmico da tradição Tupiguarani localizado no Município de Quatro Barras, a 57m da margem esquerda do rio Florestal e, a 59m da margem esquerda de um córrego (Fig.4). Ocupava o flanco de suave elevação voltada para o rio, 6m acima do nível de suas águas (863m s.n.m.).

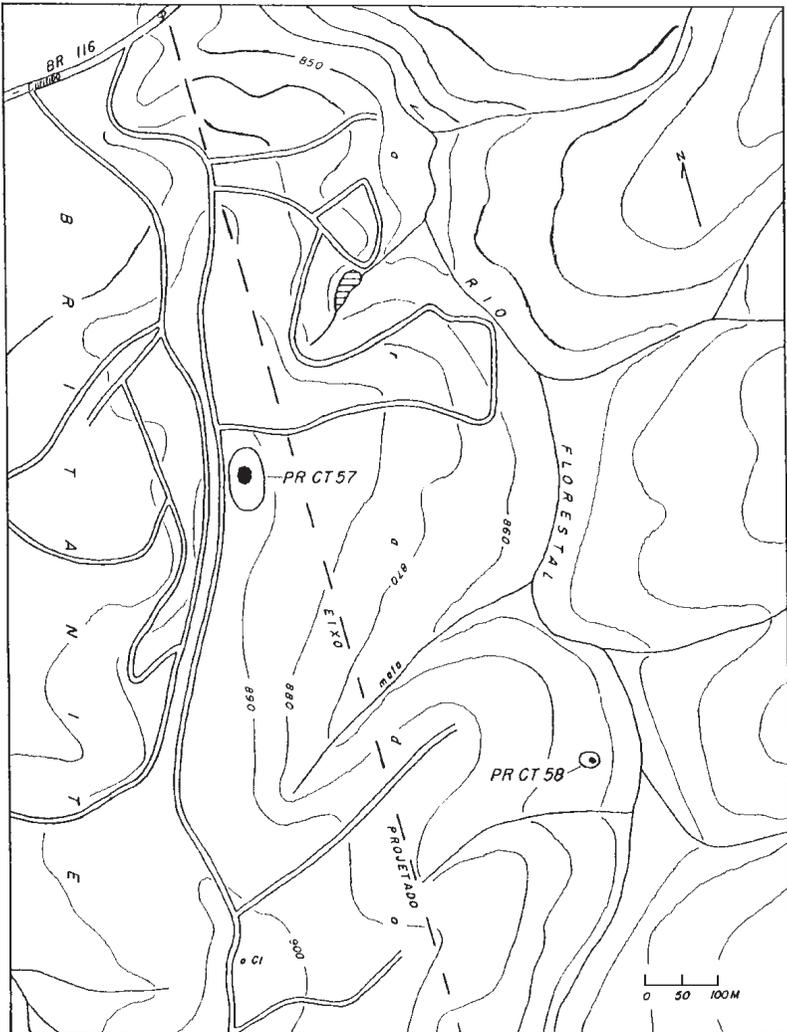


FIGURA 4. Localização dos sítios cerâmicos PR CT 57: Rio Florestal -1 e PR CT 58: Rio Florestal -2 e, do indício cerâmico C-1. As elipses cheias nas áreas dos sítios indicam concentração de material arqueológico

O terreno fora arado. A leste a superfície mostrava-se coberta por sabugos e talos de milho misturados a gramíneas baixas. Margeando os cursos fluviais havia mata secundária.

A terra era argilosa, marrom-escuro, com seixos nas proximidades do córrego. Em direção ao topo da elevação mostrava-se marrom-avermelhado, argilosa, com grande quantidade de blocos de quartzo e quartzito. Nas proximidades do rio, era preta com blocos de quartzito e granito.

A ocupação foi delimitada através da abertura de cortes-experimentais, que revelaram perturbação na camada de ocupação causadas pelas atividades agrícolas. Neles a terra marrom-escuro, argilosa, ocorria até 25cm de profundidade, tornando-se a seguir, cinza-escuro, argilosa, com seixos. Aos 50cm de profundidade mostrava-se marrom-claro, argilosa e compacta.

O sítio ocupava uma área com 25 X 18m (353,25m²). Apresentava nas porções medianas, em direção ao extremo leste, um adensamento de material com 10 X 8m (62,80m²) e, orientava seu eixo maior em sentido perpendicular ao rio e paralelo ao córrego.

Coletas superficiais e raspagens foram efetuadas no sítio. Superficialmente as evidências arqueológicas ocorriam de forma rarefeita. Nas raspagens o material foi registrado até 15cm de profundidade, junto à terra marrom-escuro.

A sudoeste do sítio, a 525m encontrava-se o indício cerâmico C-1.

PR CT 59: Rio Pequeno - 1 (Nº C 3098 a 3100)

Sítio pré-cerâmico relacionado à tradição Umbu localizado no Município de São José dos Pinhais, a 48m da margem direita do rio Pequeno e, a 71m da margem esquerda de um córrego (Fig. 5). Ocupava o topo de uma elevação, 15m acima do nível das águas do rio (892m s.n.m.).

O local e, os arredores, estavam com gramíneas baixas e arbustos esparsos. Margeando os cursos fluviais conservavam-se restos de mata secundária.

A terra era argilo-arenosa, de coloração marrom-claro até 3cm de profundidade. Abaixo tornava-se vermelha, com pequenos blocos

de quartzo. A leste era preta, argilosa, com seixos. Nos arredores mostrava-se avermelhada e argilosa.

O terreno apresentava perturbações resultantes da ocupação moderna. Segundo informações do proprietário, era explorado agricolamente desde a instalação da sua família na área, há cerca de 70 anos. Fora também terraplenado, sendo retirado cerca de 30cm de solo. A terra, deslocada do topo da elevação, a qual situava-se no eixo da estrada a ser construída, foi depositada ao norte. O flanco sul da elevação sofreu mais intensamente os danos causados pela terraplenagem que, neste ponto, foi mais profunda, formando um barranco alto.

A terraplenagem e a ausência de cobertura vegetal originaram, no local, acentuado processo erosivo laminar e linear. Na encosta voltada para o rio a superfície mostrava-se lixiviada, expondo migmatito intemperizado marrom-claro. Ao norte e ao sul, acompanhando a inclinação do terreno, eram comuns valas e sulcos.

O material arqueológico espalhava-se por uma área com 182 X 37m (5.286,19m²), dispendo o eixo maior em sentido perpendicular ao rio e paralelo ao córrego. Mostrava-se deslocado, tanto pela erosão laminar como pelas atividades de terraplenagem. Das porções centrais do sítio em direção ao seu extremo norte ocorria nos sulcos erosivos e, em meio à sedimentação depositada sobre a terra retirada pela terraplenagem.

Apesar do revolvimento da camada arqueológica, pequena área residual com 13,5 X 7m (74,18m²) foi registrada nas proximidades do extremo sul do sítio. Nela foram praticadas raspagens lineares e amplas em pontos distintos situados nos seus cantos nordeste e noroeste, acompanhando o remanescente do piso da ocupação.

Foi exposta uma área com 24,5m². O primeiro ponto trabalhado, situava-se a NE e totalizou 10,5m², o segundo, efetuado 2m a oeste do primeiro, 14m².

O solo em ambos era marrom-claro, argiloso, com seixos e, acompanhava a declividade do terreno. No primeiro espaço aberto ocorria até 4cm de profundidade ao norte e leste, 6cm ao sul e 12cm a oeste. No segundo, efetuado em local mais elevado e plano, o solo foi registrado até 12cm de profundidade. Nos dois cortes, era limitado por uma linha contínua de seixos. Abaixo dela o solo não apresentava

alteração de cor e textura. Mostrava-se, porém, compacto e com ausência de seixos.

Nos dois espaços, o material arqueológico foi registrado até a linha de seixos, sendo mais numeroso nas porções centrais.

A 170m a leste do sítio, quase em frente ao sítio cerâmico PR CT 60, encontrava-se o indício lítico L-1.

PR CT 60: Rio Pequeno - 2 (Nº C 3101 a 3103)

Sítio cerâmico pertencente à tradição Itararé localizado no Município de São José dos Pinhais, a 355m da margem direita do rio Pequeno e, a 165m da margem esquerda de um córrego (Fig. 5). Situava-se no topo de uma elevação voltada para o córrego, 31m acima do nível das águas do curso fluvial maior (908m s.n.m.).

Na superfície e nos arredores havia pasto. Ao norte, o leito de antiga estrada secundária e, às margens do rio e do córrego, mata rarefeita.

A terra, de coloração preta, era argilo-arenosa. No leito da estrada, marrom-avermelhado, argilosa e, nas proximidades do córrego, marrom-claro, argilosa, com seixos.

O terreno fora continuamente arado por cerca de 70 anos. Segundo o proprietário, no local havia um paiol de milho e uma tapera correspondentes à época que sua família ali se instalara.

O sítio, delimitado através da abertura de cortes-experimentais, ocupava uma área com 39 X 8m (244,92m²), dispoendo o eixo maior em sentido oblíquo aos cursos fluviais. Apresentava ao norte, ao lado do barranco formado pela abertura da estrada, uma área com 8 X 3,5m (21,98m²) onde o material tendia a ser mais numeroso. A estrada cortou longitudinalmente este extremo da ocupação.

Corte-estratigráfico com 25m² foi praticado nas suas porções centrais. O terreno, com declividade em direção à estrada, apresentou a seguinte estratigrafia: ao norte, até 10cm de profundidade, a terra era preta, argilo-arenosa. Ao sul a camada de terra preta era mais delgada, ocorrendo até 2cm de profundidade. Abaixo, até 18cm, tornava-se marrom-escuro, argilo-arenosa. Nessa profundidade, mesclava com terra marrom-claro, argilosa, a qual predominava após os 20cm de profundidade. Sulcos de arado foram registrados entre 16 e 18cm.

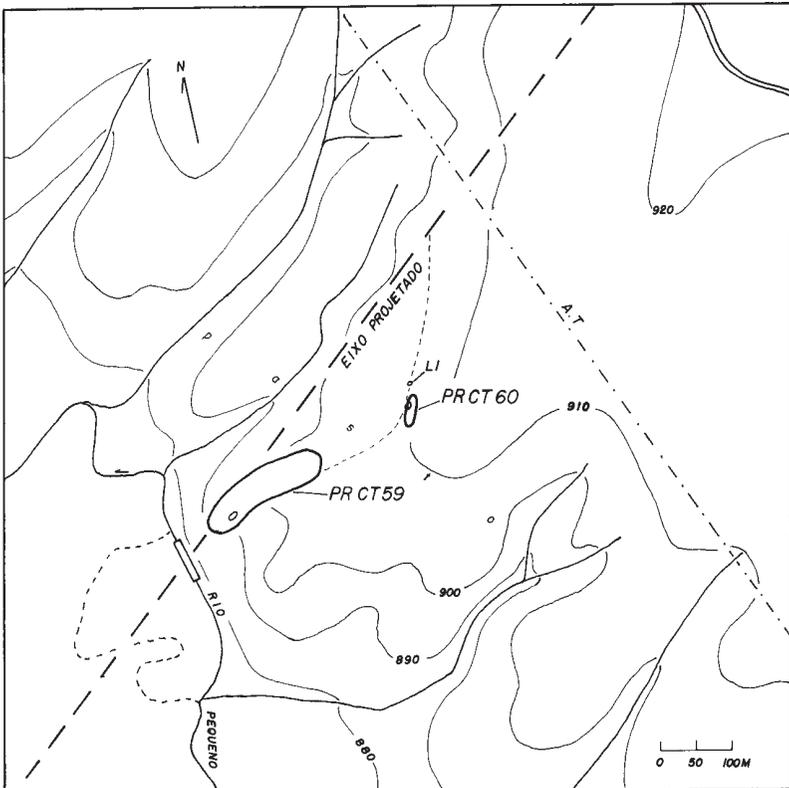


FIGURA 5. Localização do sítio pré-cerâmico PR CT 59: Rio Pequeno -1, do sítio cerâmico PR CT 60: Rio Pequeno -2 e, do indício lítico L-1. As elipses cheias nas áreas dos sítios indicam concentração de material arqueológico

O material arqueológico ocorria esparsamente em meio à terra preta. Era mais consistente junto ao solo marrom-escuro, tendendo a ocorrer de forma contínua, como piso, entre 13 e 15cm de profundidade, ao lado de diminutos pontos de carvão.

Indício Lítico L-1 (Nº C 3105)

Artefato relacionado à tradição Umbu localizado no Município de São José dos Pinhais, a 360m da margem esquerda do rio Pequeno e, a 110m da margem esquerda de um córrego (Fig. 5). Estava no topo de uma elevação, 30m acima do nível das águas do rio (907m s.n.m.).

O terreno, assim como os arredores, era explorado agricolamente há cerca de 70 anos. Estava com pastagens.

A peça encontrava-se no leito de antiga estrada secundária. A terra era marrom-avermelhado, argilosa.

O ponto situava-se 170m a leste do sítio pré-cerâmico PR CT 59.

Indício Cerâmico C-1 (Nº C 3106)

Fragmento de recipiente cerâmico da tradição Tupiguarani localizado no Município de Quatro Barras, a 460m da margem esquerda do rio Florestal e, a 320m da margem esquerda de um córrego (Fig. 4). Encontrava-se no topo de uma elevação voltada para o rio, 41m acima do nível de suas águas (901m s.n.m.).

O terreno e, os arredores, eram intensivamente explorados para agricultura. Estavam com antiga plantação de milho e, sabugos e talos de milho recém colhido cobriam quase que completamente a superfície. Ao norte havia reserva de mata e, ao sul, mata e pasto. A oeste situava-se uma estrada secundária que permitia o acesso de Quatro Barras à BR 116 e, à fábrica de explosivos Britanite.

O ponto estava a 525m a sudoeste do sítio cerâmico PR CT 58.

ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Após a limpeza e marcação, o material arqueológico foi agrupado conforme a sua filiação cultural. A análise das peças de cada grupo foi antecedida, ainda, pelas tarefas de preparação, que consistiram na sua restauração e preservação.

Entre os grupos culturais identificados, um está relacionado à tradição pré-cerâmica Umbu. Os demais pertencem às tradições cerâmicas Itararé, Tupiguarani e Neobrasileira.

Análise do material da tradição Umbu

Nas coletas superficiais e raspagens efetuadas nos sítios PR CT 55 e PR CT 59 e, no indício lítico L-1, relacionados a esta tradição foram obtidas 4.783 evidências líticas, sendo registradas as seguintes matérias-primas: basalto (51,84%), gnaiss (24,74%), silexito (9,53%)¹, quartzo leitoso (6,12%), andesito (1,92%), riolito (1,88%), vulcanoclástica fina (1,32%), quartzo hialino (1,30%), arenito silicificado (0,65%), quartzo esfumado (0,33%), quartzito (0,17%), diabásio (0,08%), granito (0,06%), silito silicificado (0,04%) e hematita (0,02%).

As lascas simples com crosta, lascas simples em forma de cunha e preparadas correspondem a 0,42%, 1,71% e 8,74% da coleção, respectivamente. As microlascas e lâminas representam 84,45% e 1,46% e, os núcleos esgotados 0,53% da amostragem.

Dezesseis lascas foram utilizadas (0,33%) e inferem goivas, facas e raspadores laterais. Oitenta e cinco foram retocadas (1,78%) e estão representadas por raspadores laterais, raspadores de extremidade, raspador convexo e pontas de projétil pedunculadas. Vinte e seis artefatos estavam sendo elaborados e correspondem a raspador triangular, pontas de projétil foliáceas e pontas de projétil pedunculadas. Trinta e seis estão fragmentadas e poderiam ser raspadores laterais, raspador de ponta, raspador unciforme, raspador elíptico, pontas de projétil foliáceas e pontas de projétil pedunculadas.

Três microlascas apresentam sinais de utilização (0,06%) como facas e raspador de extremidade e, quatorze foram retocadas (0,30%). Estão representadas por raspadores laterais, raspadores de extremidade, raspador de ponta, buril e pontas de projétil pedunculadas.

Entre as lâminas, quatro foram utilizadas (0,08%) como goivas e raspadores laterais. Seis foram retocadas (0,12%) e correspondem a raspador de extremidade, raspador elíptico e pontas de projétil pedunculadas. Uma estava em elaboração e, se concluída, poderia

¹ O silexito, classificado em 12 diferentes tipos, apresentou a seguinte frequência: 139 do tipo VII (30,48%), 75 do II (16,45%), 68 do V (14,92%), 57 do I (12,50%), 47 do VI (10,30%), 25 do XI (5,48%), 16 do III (3,51%), 15 do VIII (3,29%), 7 do IV (1,53%), 3 do IX (0,66%), 3 do X (0,66%) e 1 do XII (0,22%)

ser um raspador elíptico. Outra estava fragmentada e seria um raspador lateral.

Apenas um núcleo apresenta sinais de utilização (0,02%) como percutor.

Considerando-se apenas os artefatos, a frequência da matéria-prima foi: basalto (34,88%), sílexito (22,48%), gnaisse (20,15%), andesito (5,43%), riolito (4,65%), quartzo leitoso (4,65%), quartzo esfumado (1,55%), diabásio (1,55%), quartzo hialino (1,55%), arenito silicificado (1,55%), vulcanoclástica fina (0,78%) e granito (0,78%). Entre os sílexitos ocorreram os tipos: II (24,14%), XI (20,69%), I (13,79%), III (13,79%), VIII (10,34%), IX (6,90%), IV (3,45%), V (3,45%) e VI (3,45%).

A percussão direta foi a técnica de lascamento empregada. As lascas resultantes geralmente apresentam plano de percussão preparado e, o ponto de percussão pontiforme. Para o retoque dos artefatos foi utilizado o escamado e, o escamado progressivo. Menos freqüente foi o emprego do retoque paralelo, sendo sempre associado aos anteriores.

Poucas peças apresentam sinais de uso associado.

Descrição do material lítico

Lasca Simples com Crosta: 20 (0,42%)

Matéria-prima: 8 gnaisse, 8 basalto, 2 quartzo leitoso, 1 quartzo hialino e 1 andesito;

Técnica: lascas obtidas pela percussão direta. Dezoito conservam córtex de blocos e, 2 de seixo-rolado. Entre os últimos, 1 apresenta o córtex áspero;

Dimensões: variam de 17.26.4 a 36.55.10mm.

Lasca Simples em Forma de Cunha: 82 (1,71%)

Matéria-prima: 49 basalto, 22 gnaisse, 5 sílexito (2 pertencem ao tipo II e, 3 ao VI), 2 andesito, 1 arenito silicificado, 1 riolito, 1 quartzo leitoso e 1 diabásio;

Técnica: lascas resultantes da percussão direta. A lasca de diabásio mostra-se alterada. Porções de córtex de blocos ocorrem em 75 e, de seixos-rolados ásperos em 7;

Dimensões: variam de 25.15.6 a 50.40.11mm.

Lasca Preparada: 418 (8,74%)

Matéria-prima: 186 basalto, 149 gnaisse, 32 sílexito (11 pertencem ao tipo VII, 7 ao I, 3 ao II, 3 ao III, 3 ao IV, 3 ao V, 1 ao VI e 1 ao XII), 18 quartzo leitoso, 13 andesito, 8 riolito, 4 arenito silicificado, 3 vulcanoclástica fina, 2 quartzo esfumaçado, 1 quartzito, 1 silte silicificado e 1 quartzo hialino;

Técnica: as lascas foram retiradas dos núcleos através da percussão direta. Apresentam ponto de percussão e bulbo;

Dimensões: variam de 14.25.5 a 50.98.25mm.

Lasca Utilizada: 16 (0,33%)

Goiva: 3

Matéria-prima: 2 sílexito (1 do tipo I e, 1 do II) e 1 gnaisse;

Técnica: lascas preparadas com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo. Foram obtidas pela percussão direta;

Sinais de uso: pequenos lascamentos de uso ocorrem no lado direito de 1 peça, no esquerdo de outra (Fig. 6, a) e, na extremidade proximal da terceira. Limitam-se à face externa de 2 e à interna de 1, atingindo todo o bordo de 2 e, somente meio bordo de 1;

Ângulos: 35°(2) e 50°;

Dimensões: 30.22.8, 30.44.9 e 53.29.3mm.

Faca: 6

Matéria-prima: 2 sílexito (do tipo II), 1 basalto, 1 gnaisse, 1 andesito

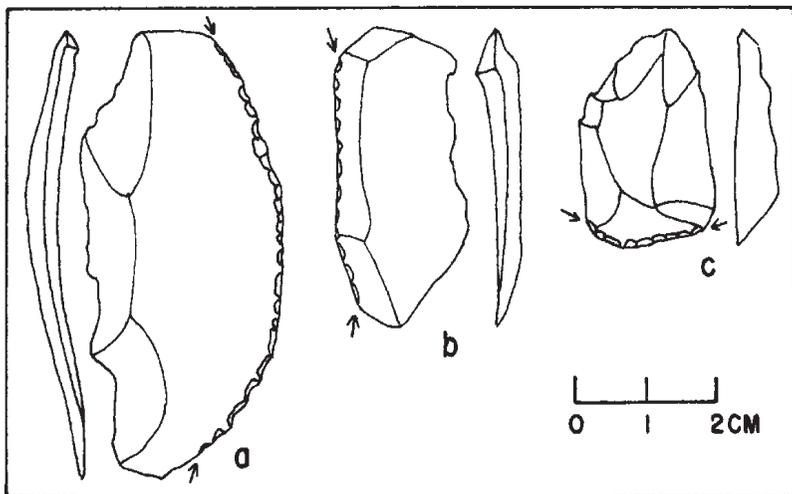


FIGURA 6. Material lítico dos sítios da tradição pré-cerâmica. a, b, lascas utilizadas; c, microlasca utilizada. a, goíva; b, faca; c, raspador de extremidade (as setas indicam a extensão do bordo utilizado)

e 1 quartzo esfumaçado;

Técnica: 3 lascas simples em forma de cunha (2 retiradas de blocos e, 1 de seixo rolado áspero) e 3 lascas preparadas. Resultantes da percussão direta, 5 apresentam ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo. Em 1 está quebrado;

Sinais de uso: no lado direito de 2 artefatos (Fig. 6, b), no esquerdo de outros 2, na extremidade proximal de 1 e, no lado direito e extremidade distal de outro, localizam-se pequenos lascamentos de uso. Atingem ambas as faces das peças, ocorrendo em todo o bordo de 5. Em 1 limitam-se a meio bordo;

Ângulos: 40°(4), 30° e 35°;

Dimensões: variam de 26.21.11 a 47.30.7mm.

Raspador Lateral: 7

Matéria-prima: 3 andesito, 2 quartzo leitoso, 1 basalto e 1 gnaisse;

Técnica: 1 lasca simples em forma de cunha retirada de bloco e, 6 lascas preparadas. Obtidas através da percussão direta, em 4 o ponto de percussão é puntiforme, com cornija e bulbo, em 2 é espatifado com bulbo e, em 1 está quebrado;

Sinais de uso: lascamentos resultantes do uso são vistos no lado esquerdo de 4 peças, no direito de 2 e, em ambos os lados de 1. Restringem-se à face externa de 6 e à interna de 1, atingindo todo o bordo de 6 e, apenas dois terços do bordo de 1;

Ângulos: 50°(4) e 60°(3);

Dimensões: variam de 26.22.6 a 70.45.20mm;

Sinais de uso associado: Faca: 1 artefato apresenta, no lado direito, lascamentos de uso. Estes ocorrem em ambas as faces, atingindo todo o bordo do artefato.

Ângulo: 40°.

Lasca Retocada: 85 (1,78%)

Raspador Lateral: 3

Matéria-prima: 2 basalto e 1 riolito;

Técnica: 1 lasca simples com crosta retirada de bloco e, 2 lascas preparadas. Foram obtidas pela percussão direta e, apresentam ponto de percussão puntiforme, com cornija e bulbo;

Retoque: nas 3 peças foram executados lascamentos escamados progressivos. O retoque foi praticado no lado esquerdo de 2 e, no direito de 1 (Fig. 7, a-b). São marginais em todas, limitando-se à face externa. Ocorrem em dois terços do bordo de 1, em meio bordo de outra e, em todo o bordo de 1;

Ângulos: 60°(2) e 50°;

Dimensões: 28.22.7, 31.18.7 e 45.24.16mm.

Raspador de Extremidade: 2

Matéria-prima: 1 basalto e 1 sílexito (tipo VIII);

Técnica: 1 lasca simples em forma de cunha retirada de bloco e, 1 lasca preparada. Foram obtidas através da percussão direta e, mostram ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: lascamentos escamados progressivos foram executados na extremidade distal das peças. São marginais, restringem-se à face externa e ocorrem em todo o bordo dos artefatos;

Ângulos: 60°(2);

Dimensões: 12.27.5 e 23.28.9mm.

Raspador Convexo: 1

Matéria-prima: gnaíse;

Técnica: lasca preparada obtida pela percussão direta com ponto de percussão quebrado;

Retoque: na extremidade distal, até as porções medianas do lado esquerdo da peça, ocorrem pequenos lascamentos escamados (Fig. 7, c). O retoque é marginal e limita-se à sua face externa;

Ângulo: 60°;

Dimensões: 43.24.5mm.

Sinais de uso associado: **Faca:** em todo o lado direito do artefato são vistos pequenos lascamentos de uso. A aresta mostra-se gasta.

Ângulo: 40°.

Ponta de Projétil Pedunculada: 17

Matéria-prima: 9 sílexito (1 do tipo I, 2 do II, 2 do III, 1 do V, 1 do VIII e 2 do XI), 3 basalto, 2 quartzo leitoso, 1 gnaisse, 1 riolito e 1 vulcanoclástica fina;

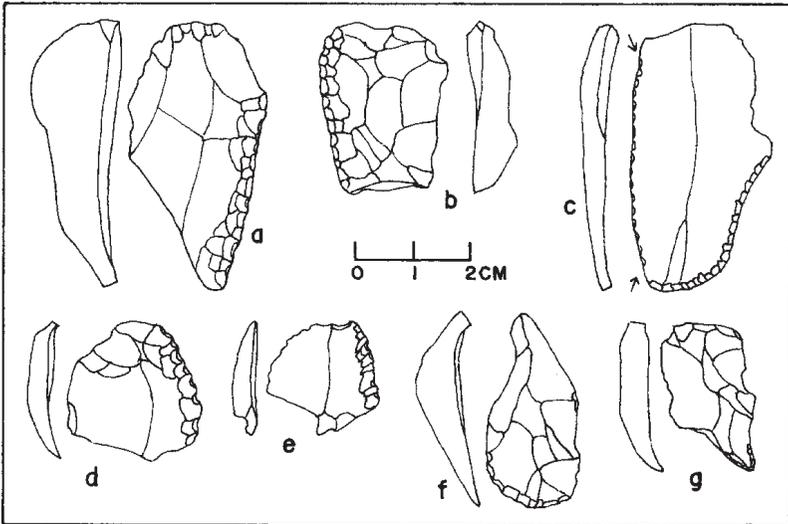


FIGURA 7. Material lítico dos sítios da tradição pré-cerâmica. a-c, lascas retocadas; d, e, g, microlascas retocadas; f, lâmina retocada. a, b, d, e, raspadores laterais; c, raspador convexo (uso associado: faca); f, raspador de extremidade; g, buril

Técnica: lascas preparadas obtidas pela percussão direta e, com o ponto de percussão modificado pelo retoque;

Retoque: 16 pontas bifaciais com retoque em toda a superfície; 1 é unifacial, com retoques escamados progressivos marginais limitados à face externa (Fig. 8, a-e). Esta apresenta pedúnculo côncavo e é levemente curva (Fig. 8, f). Entre as demais, em 7 foram executados lascamentos escamados progressivos e, em 9, escamados progressivos e paralelos. O bordo de 1 é serrilhado e, em 5 é ligeiramente serrilhado. O pedúnculo de 12 é côncavo, de 3 mostra-se levemente convexo e, de 1 é convexo. As porções medianas de

uma das faces de 2 peças apresentam-se espessas, dando a impressão que não chegaram a ser concluídas. Em uma delas as aletas mostram-se arredondadas;

Ângulos: 50°(7), 60°(5), 40°(4) e 70°;

Dimensões: variam de 25.16.3 a 40.22.7mm.

Fragmento de Artefato: 36

Raspador Lateral: 6

Matéria-prima: 3 basalto, 2 sílexito (1 do tipo I e, 1 do XI) e 1 gnaisse;

Técnica: 1 lasca simples em forma de cunha retirada de bloco e 5 lascas preparadas. Em todas o ponto de percussão está quebrado;

Retoque: 1 peça está fragmentada na extremidade distal, outra no lado direito. De 2 resta pequena porção de um lado; de 1 a metade proximal e, de outra, o lado direito. Os fragmentos conservam pequenos lascamentos de retoque, executados através do escamado em 3 e, pelo escamado progressivo em outras 3. Ocorrem marginalmente, no lado esquerdo de 3 e, no direito de 1, limitando-se à face externa de todos;

Ângulos: 50°(2), 60°(2) e 70°(2);

Dimensões: indeterminadas.

Raspador de Ponta: 1

Matéria-prima: sílexito (tipo VI);

Técnica: lasca simples em forma de cunha retirada de seixo-rolado áspero. Apresenta ponto de percussão puntiforme, com cornija e bulbo;

Retoque: o artefato está quebrado na extremidade distal (Fig. 9, a). Recebeu pequenos lascamentos escamados progressivos em ambos

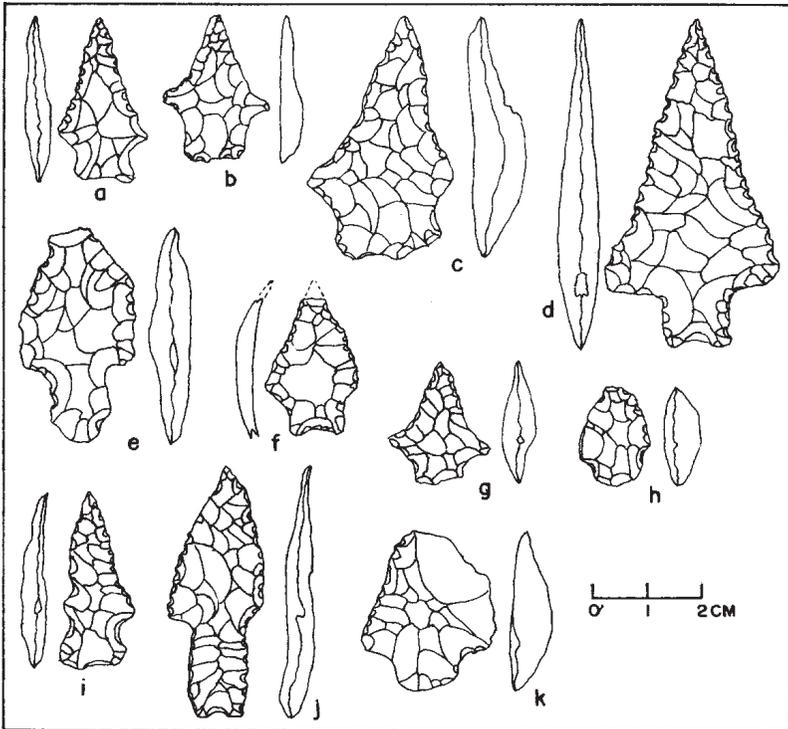


FIGURA 8. Material lítico dos sítios da tradição pré-cerâmica. a-f, k, lascas retocadas; g, h, microlascas retocadas; i, j, lâminas retocadas; a-k, pontas de projétils pedunculadas (k, em elaboração)

os lados. Estes são marginais e restringem-se à face externa;

Ângulos: 60° no lado esquerdo e 70° no direito;

Dimensões: ?(35)..23.11mm.

Raspador Unciforme: 2

Matéria-prima: 1 basalto e 1 sílexito (tipo III);

Técnica: lascas simples em forma de cunha (1 retirada de bloco e,

outra de seixo-rolado). O ponto de percussão de 1 é puntiforme, com cornija e bulbo; na outra está quebrado;

Retoque: 1 artefato está fragmentado na extremidade proximal (Fig. 9, b); no outro falta porção da extremidade distal. As peças receberam lascamentos de retoques escamados progressivos. Foram executados na extremidade distal e lados de 1 e, no lado direito e em parte do lado esquerdo, até a porção intacta da extremidade distal do outro;

Ângulos: 60°(2);

Dimensões: ?(22).25.10mm.

Raspador Elíptico: 1

Matéria-prima: andesito;

Técnica: lasca preparada, com ponto de percussão modificado pelo retoque;

Retoque: da peça resta a metade proximal. Nela ocorrem lascamentos escamados progressivos. São periféricos, marginais e limitam-se à face externa;

Ângulo: 60°;

Dimensões: ?(12).25.8mm.

Ponta de Projétil Foliácea: 8

Matéria-prima: 6 basalto e 2 gnaisse;

Técnica: 1 lasca simples com crosta retirada de bloco e, 7 lascas preparadas. O ponto de percussão de 1 é puntiforme, com cornija e bulbo. Em 7 foi modificado pelo retoque ou quebrado;

Retoque: de 1 peça falta a extremidade distal, de 2 a extremidade proximal e, de 3, resta apenas porção de um lado (Fig. 10, a, b). Em 1 falta parte da extremidade proximal e de um lado e, de outra, resta

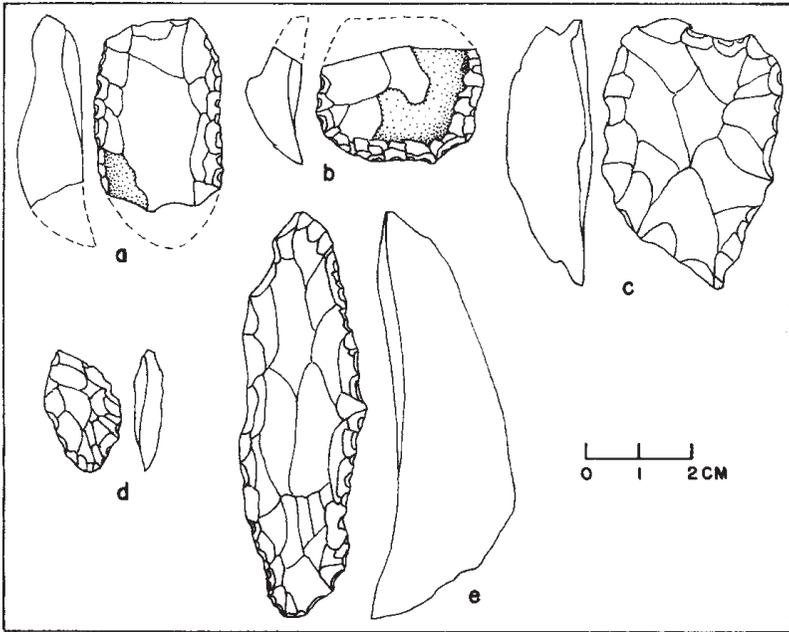


FIGURA 9. Material lítico dos sítios da tradição pré-cerâmica. a-c, lascas retocadas; d, microlasca retocada; e, lâmina retocada. a, d, raspadores de ponta (a, fragmento); b, raspador unciforme fragmentado; c, raspador triangular em elaboração; e, raspador elíptico

somente a extremidade proximal. As peças eram bifaciais. Receberam retoques através do escamado progressivo. Em 5 o lascamento é marginal e, em 1, apresenta-se em toda a superfície;

Ângulos: 60° (4), 40° (3) e 50° ;

Dimensões: variam de $?(31).23.7$ a $53.?(30).6$ mm.

Ponta de Projétil Pedunculada: 18

Matéria-prima: 8 basalto, 4 gnaiss, 3 silexito (1 do tipo IX e 2 do XI), 2 quartzo hialino e 1 arenito silicificado;

Técnica: lascas preparadas. Em 17 o ponto de percussão foi modificado pelo retoque e, em 1 é puntiforme, com cornija e bulbo;

Retoque: de 3 peças falta a ponta; outras 3 correspondem à ponta, 5 ao pedúnculo e, 3 à parte do corpo. Três estão representadas pelo pedúnculo e aletas (de 1 resta apenas parte da aleta). De 1 resta parte do pedúnculo, aleta e corpo. Dezesesseis são bifaciais e, o retoque ocorre em toda a superfície e, 2 unifaciais. Em 12 os retoques foram executados através do escamado progressivo e, em 6, pelo escamado progressivo e paralelo. O pedúnculo de 10 é convexo, de 4 côncavo e de 1, reto;

Ângulos: 50°(6), 40° e 60°;

Dimensões: variam de 23.21.6 a 31.38.5mm.

Artefato em Elaboração: 26

Raspador Triangular: 2

Matéria-prima: 2 basalto;

Técnica: lascas preparadas, com ponto de percussão modificado pelo retoque;

Retoque: lascamentos escamados foram efetuados em toda a periferia de 1 peça (Fig. 9, c) e, na extremidade distal e parte da extremidade proximal de outra. Nessa ocorrem também, alguns lascamentos escamados progressivos. O retoque é marginal e limita-se à face externa de ambos;

Ângulos: 60°(2);

Dimensões: 17.30.7 e 35.49.15mm.

Ponta de Projétil Foliácea: 11

Matéria-prima: 5 gnaisse, 4 basalto, 1 diabásio e 1 sillexito (tipo IV);

Técnica: 1 lasca simples com crosta, 2 lascas simples em forma de cunha (retiradas de blocos) e, 8 lascas preparadas. Em 2 o ponto de percussão é puntiforme, com cornija e bulbo, em 6 está quebrado e, em 3 foi modificado pelo retoque;

Retoque: 2 peças foram quase concluídas (Fig. 10, c). Em 2, uma extremidade e um lado mostram-se incompletos. Em 1, somente a metade distal apresenta-se concluída, em 4 a metade proximal e, em 2, apenas parte de um lado. Se terminadas, 8 seriam bifaciais. Os lascamentos de retoque foram executados através do escamado em 9 e, pelo escamado progressivo em 2. Ocorrem marginalmente em todas, sendo mais intensos na face externa de 3;

Ângulos: 60°(7) e 50°(4);

Dimensões: variam de ?(37).28.9 a 62.43.13mm.

Ponta de Projétil Pedunculada: 13

Matéria-prima: 6 basalto, 3 gnaise, 1 riolito, 1 diabásio, 1 quartzo leitoso e 1 andesito;

Técnica: 2 lascas simples em forma de cunha retiradas de blocos e, 11 lascas preparadas. Em todas o ponto de percussão foi modificado pelo retoque;

Retoque: 6 peças estão quebradas na extremidade distal, 1 em parte da extremidade proximal e, de 2 só restam pedúnculo e aletas. Se concluídas, 4 seriam bifaciais e 9 unifaciais (Fig. 8, k). Retoques escamados foram praticados em 8, definindo principalmente pedúnculos e aletas. Ao longo dos bordos são menos intensos. Em 4 foram executados pelo escamado progressivo e, em 1, pelas duas técnicas. Nesta, o escamado progressivo ocorre nas aletas, pedúnculo e lado esquerdo. O lado direito não chegou a ser retocado. Três pontas mostram-se tortas, em consequência do plano de fratura das lascas. O pedúnculo de 7 é convexo, de 4 é côncavo e, em 2, reto;

Ângulos: 40°(5), 50°(5), 60°(2) e 30/40°;

Dimensões: variam de $\approx(20).18.4$ a $\approx(38).24.11$ mm.

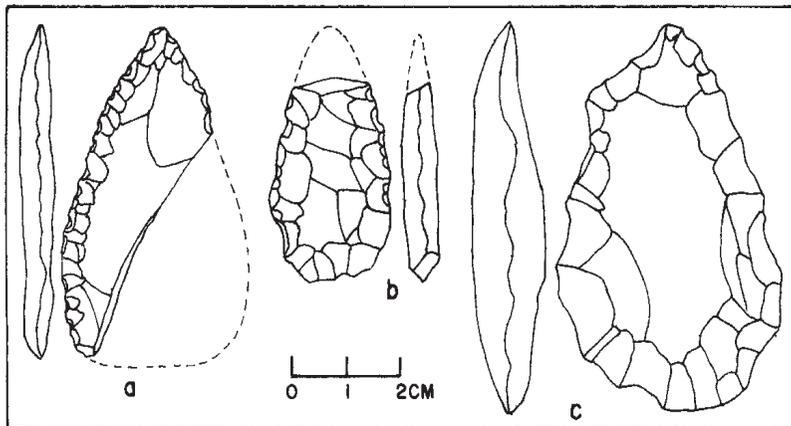


FIGURA 10. Material lítico dos sítios da tradição pré-cerâmica. a-c, lascas retocadas. a, b, fragmentos de pontas de projéteis foliáceas; c, ponta de projétil foliácea em elaboração

Microlasca: 4.039 (84,45%)

Matéria-prima: 2.146 basalto, 961 gnaisse, 380 sílexito (45 correspondem ao tipo I, 60 ao II, 9 ao III, 3 ao IV, 62 ao V, 41 ao VI, 125 ao VII, 12 ao VIII, 1 ao IX, 3 ao X e, 19 ao XI), 247 quartzo leitoso, 73 riolito, 69 andesito, 59 vulcanoclástica fina, 56 quartzo hialino, 24 arenito silicificado, 12 quartzo esfumado, 7 quartzito, 2 granito, 1 diabásio, 1 hematita e 1 siltito silicificado;

Técnica: 49 como lascas simples com crosta, 237 como lascas simples em forma de cunha e, 3.753 como lascas preparadas. Resultaram dos lascamentos de retoque efetuados na preparação dos artefatos. O córtex de 195 é de blocos e, de 22 de seixos-rolados. Destes, somente 1 apresenta córtex liso; nos demais, são ásperos. Nove microlascas de arenito silicificado pertencem ao mesmo núcleo;

Dimensões: variam de 3.2.1 a 24.23.7mm.

Microlasca Utilizada: 3 (0,06%)

Faca: 2

Matéria-prima: 1 gnaisse e 1 sílexito (tipo I);

Técnica: como lascas preparadas com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Sinais de uso: no lado esquerdo dos artefatos são vistos pequenos lascamentos de uso. Atingem ambas as faces e, todo o bordo das peças;

Ângulos: 30°(2);

Dimensões: 11.23.4 e 24.20.4mm.

Raspador de Extremidade: 1

Matéria-prima: riolito;

Técnica: como lasca preparada com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Sinais de uso: pequenos lascamentos de uso ocorrem na extremidade distal da peça. Limitam-se à face externa e atingem todo seu bordo (Fig. 6, c);

Ângulo: 60°;

Dimensões: 24.18.8mm.

Microlasca retocada: 14 (0,30%)

Raspador Lateral: 2

Matéria-prima: 2 sílexito (1 do tipo II e, 1 do VIII);

Técnica: ambas como lascas preparadas. Em 1 o ponto de percussão é puntiforme, com cornija e bulbo e, na outra foi modificado pelo retoque;

Retoque: 1 peça recebeu, na face externa do lado esquerdo, pequenos lascamentos de retoque escamados progressivos. Na outra, foram executados lascamentos escamados na face interna do lado direito e, escamados progressivos na face externa do lado esquerdo. Nos dois artefatos são marginais e, atingem todo o bordo (Fig. 7, d, e);

Ângulos: 50° na face interna e 60° na externa de 1 e, 50° em outro;

Dimensões: 17.19.5 e 22.23.4mm.

Raspador de Extremidade: 3

Matéria-prima: 1 basalto, 1 gnaisse e 1 quartzo esfumado;

Técnica: todas como lascas preparadas com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: os artefatos receberam lascamentos escamados progressivos na extremidade distal. Os retoques limitam-se à face externa e atingem todo o bordo das peças;

Ângulos: 60°(3);

Dimensões: 13.18.3, 12.17.5 e 14.20.7mm.

Raspador de Ponta: 1

Matéria-prima: andesito;

Técnica: como lasca preparada com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: na extremidade distal e nos lados da peça foram executados lascamentos escamados progressivos. O retoque ocorre marginalmente, limitando-se à sua face externa (Fig. 9, d);

Ângulo: 60°;

Dimensões: ?

Buril: 1

Matéria-prima: sílexito (tipo II);

Técnica: como lasca preparada com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: na extremidade distal e nos lados adjacentes a peça recebeu lascamentos escamados. O retoque formou, neste ponto, um bico curvo para o lado. Os pequenos lascamentos são marginais e limitam-se à face externa (Fig. 7, g);

Ângulo: 70°;

Dimensões: 23.15.5mm.

Ponta de Projétil Pedunculada: 7

Matéria-prima: 3 basalto, 1 gnaïsse, 1 quartzo leitoso, 1 arenito silicificado e 1 sílexito (tipo XI);

Técnica: todas como lascas preparadas, com ponto de percussão modificado pelo retoque;

Retoque: as peças são bifaciais e receberam lascamentos em toda a superfície (Fig. 8, g, h). Em 5 o retoque foi executado com lascamentos escamados progressivos paralelos e, em 2, com escamados progressivos. O pedúnculo de 3 é convexo, de 2 é côncavo, de 1 é levemente côncavo e, de 1 é reto;

Ângulos: 60°(5), 50° e 70°;

Dimensões: variam de 19.13.7 a 24.18.7mm.

Lâmina: 70 (1,46%)

Matéria-prima: 37 basalto, 17 gnaïsse, 8 sílexito (1 pertence ao tipo I, 2 ao II, 2 ao V, 1 ao VI e, 2 ao VII), 6 quartzo leitoso e 2 riolito;

Técnica: 4 como lascas simples com crosta, 13 como lascas simples

em forma de cunha e, 53 como lascas preparadas. Resultantes da percussão direta, 13 foram retiradas de blocos e, 4 de seixos-rolados com córtex áspero;

Dimensões: variam de 25.8.5 a 50.15.15mm.

Lâmina Utilizada: 4 (0,08%)

Goiva: 2

Matéria-prima: 1 basalto e 1 riolito;

Técnica: ambas como lascas preparadas. Em 1 o ponto de percussão é puntiforme, com cornija e bulbo e, em outra, espatifado com bulbo;

Sinais de uso: na face externa do lado direito de 1 peça e, na face interna do lado esquerdo de outra ocorrem pequenos lascamentos de uso. São marginais e atingem todo o bordo de 1 e, apenas dois terços da outra;

Ângulos: 50°(2);

Dimensões: 54.24.9mm.

Raspador Lateral: 2

Matéria-prima: 2 gnaisse;

Técnica: 1 como lasca simples em forma de cunha retirada de bloco e, 1 como lasca preparada. Ambas apresentam ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Sinais de uso: no lado esquerdo das peças são vistos pequenos lascamentos de uso. Estes atingem dois terços do bordo dos artefatos, ocorrendo nas duas faces;

Ângulos: 50°(2);

Dimensões: 40.14.8 e 64.31.10mm.

Lâmina Retocada: 6 (0,12%)

Raspador de Extremidade: 1

Matéria-prima: basalto;

Técnica: como lasca preparada com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: a peça apresenta, na extremidade distal, lascamentos escamados progressivos. São marginais e limitam-se à face externa (Fig. 7, f);

Ângulo: 50°;

Dimensões: 32.15.8mm.

Raspador Elíptico: 1

Matéria-prima: riolito;

Retoque: perifericamente o artefato recebeu pequenos lascamentos escamados progressivos. O retoque limita-se à sua face externa (Fig. 9, e);

Ângulo: 70°;

Dimensões: 74.25.24mm.

Ponta de Projétil Pedunculada: 2

Matéria-prima: 1 gnaisse e 1 silexito (tipo IX);

Técnica: as duas como lascas preparadas, com ponto de percussão modificado pelo retoque;

Retoque: as peças são bifaciais, sendo retocadas em toda a superfície. Receberam lascamentos escamados progressivos e paralelos (Fig. 8, i, j). Uma apresenta um bordo ligeiramente serrilhado e corpo triangular. O pedúnculo de 1 é retangular, com reentrâncias;

de outra é levemente côncavo;

Ângulos: 40° e 50°;

Dimensões: 32.12.5 e 47.18.5mm.

Fragmento de Artefato: 1

Raspador Lateral: 1

Matéria-prima: basalto;

Técnica: como lasca preparada, com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: a peça está quebrada na extremidade distal. Apresenta lascamentos escamados no lado esquerdo. O retoque é marginal e limita-se à face externa;

Ângulo: 50°;

Dimensões: ?(21).17.4mm.

Artefato em Elaboração: 1

Raspador Elíptico: 1

Matéria-prima: sílexito (tipo III);

Técnica: a lasca apresenta a face interna lascada e oxidada. O ponto de percussão está quebrado;

Retoque: a peça está fragmentada em uma extremidade. Recebeu lascamentos escamados longos, que se dirigem até a crista central da face externa. Ocorrem em ambos os lados;

Ângulo: 70/80°;

Dimensões: ?(48).20.21mm.

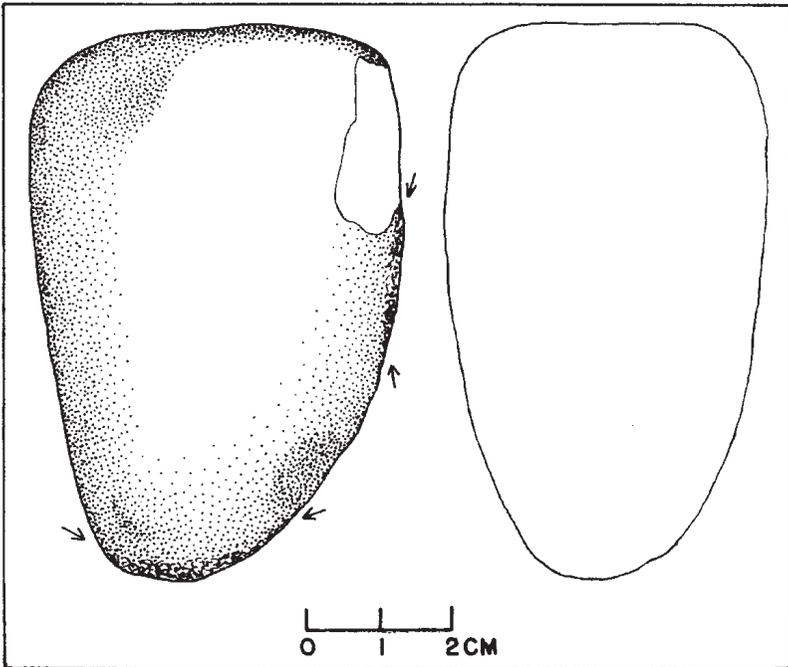


FIGURA 11. Núcleo utilizado como percutor em sítio da tradição pré-cerâmica

Núcleo Esgotado: 25 (0,53%)

Matéria-prima: 13 quartzo leitoso, 8 basalto, 2 quartzo hialino e 2 silixito (1 do tipo II e 1 do tipo VII);

Descrição: núcleos que sofreram vários lascamentos pela percussão direta, mas sem evidências de uso posterior. Dezesseis estão multifacetados, 7 conservam porções de córtex de bloco, 1 é prismático e, 1 conserva faceta com córtex áspero;

Dimensões: variam de 16.15.12 a 60.37.30mm.

Núcleo Utilizado: 1 (0,02%)

Percutor: 1

Matéria-prima: granito;

Técnica: seixo-rolado com pequenos lascamentos em um lado;

Sinais de uso: a peça apresenta esmagamentos resultantes da ação de percutir em uma extremidade e um lado, junto aos lascamentos (Fig. 11);

Dimensões: 70.50.42mm.

Análise do material da tradição Itararé

O material cerâmico

Das coletas superficiais e cortes-estratigráficos efetuados nos sítios PR CT 57 e PR CT 60, desta tradição, resultaram 378 fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos. A sua classificação proporcionou 3 modalidades tipológicas: Simples com Antiplástico Grosso (48,94%), Simples com Antiplástico Fino (37,30%) e Engobo Vermelho (0,53%).

A cerâmica simples foi diferenciada segundo a granulometria dos antiplásticos em Simples Grosso acima de 1mm e, Simples Fino até 1mm.

Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases foram reconstituídas 8 formas de vasilhas que, em ordem decrescente são: 10, 9, 3, 7, 12, 1, 3A e 8 (Fig. 12). As bases dos recipientes são convexas, cônicas e, em um caso, plana. Em 3 peças com bases convexas, foi efetuado engrossamento de parede.

Completam o acervo cerâmico 50 modelagens (13,23%), representadas por 3 restos de pasta e 47 fragmentos de argila queimada.

Descrição do material cerâmico

Simples com Antiplástico Grosso: 185 (48,94%)

Pasta:

Método de manufatura: acordelado;

Antiplástico: argila arenosa. Ocorrem muitos fragmentos de quartzo hialino e leitoso até 6mm, sendo predominantes até 3mm. Poucos apresentam grânulos de hematita até 4mm;

Textura: os antiplásticos de menores dimensões mostram-se bem distribuídos na pasta. Os maiores ocorrem esparsamente. Bolhas de ar circulares são raras e diminutas. A fratura é irregular e friável em alguns casos;

Cor: são mais freqüentes os núcleos cinza-escuro ou marrom-claro uniformes. Poucos apresentam-no cinza-escuro com paredes laterais marrom;

Superfície:

Cor: predominam os fragmentos com ambas as faces marrom-claro. Alguns mostram as faces cinza-escuro e, poucos, marrom-claro na face externa e cinza-escuro na interna;

Tratamento: a maioria sofreu intenso processo erosivo e desagrega com o manuseio. De modo geral foram bem alisadas. Alguns apresentam as faces lisas. Poucos conservam aderência de fuligem na face externa ou na face interna;

Dureza: 2,5 (predominante) e 3;

Formas: 10(6), 9(4), 7(2), 12(2), 1, 3 e 8;

Bases: convexas (2), cônicas (2) e plana;

Espessura da parede do corpo: varia entre 3 e 7mm, predominando entre 4 e 6mm;

Simples com Antiplástico Fino: 141 (37,30%)

Pasta:

Método de manufatura: acordelado;

Antiplástico: argila arenosa, com fragmentos de quartzo hialino e leitoso até 1mm;

Textura: a areia fina, que é natural da pasta, está homogeneamente distribuída. A introduzida ocorre esparsamente. São freqüentes diminutas bolhas de ar circulares. A fratura é irregular e friável na maioria dos casos;

Cor: quase em proporções iguais ocorrem núcleos cinza-escuro, marrom-claro e cinza-escuro com paredes marrom-claro. Com freqüência menor, apresentam o núcleo cinza-escuro com faixa marrom-claro em direção à face externa ou, o núcleo marrom-claro com faixa cinza-escuro em direção à face externa;

Superfície:

Cor: a maioria com ambas as faces marrom-claro. Com menor freqüência ocorrem fragmentos com as faces cinza-escuro em uma face e marrom-claro na oposta ou, cinza-escuro nas duas faces;

Tratamento: de modo geral, as peças apresentam a superfície bem conservada e, em grande parte, são lisas ao toque. Poucas estão desagregando e são ásperas. Em dois, vêem-se aderências de fuligem na face externa;

Dureza: 2,5 (predominante) e 3;

Formas: 3(3), 3A(2), 10(2), 7 e 9;

Bases: convexas (4); três com engrossamento de parede;

Espessura da parede do corpo: varia entre 3 e 8m, predominando entre 4 e 6mm.

Engobo Vermelho: 2 (0,53%)

Pasta e Superfície: ambas como no tipo Simples Grosso;

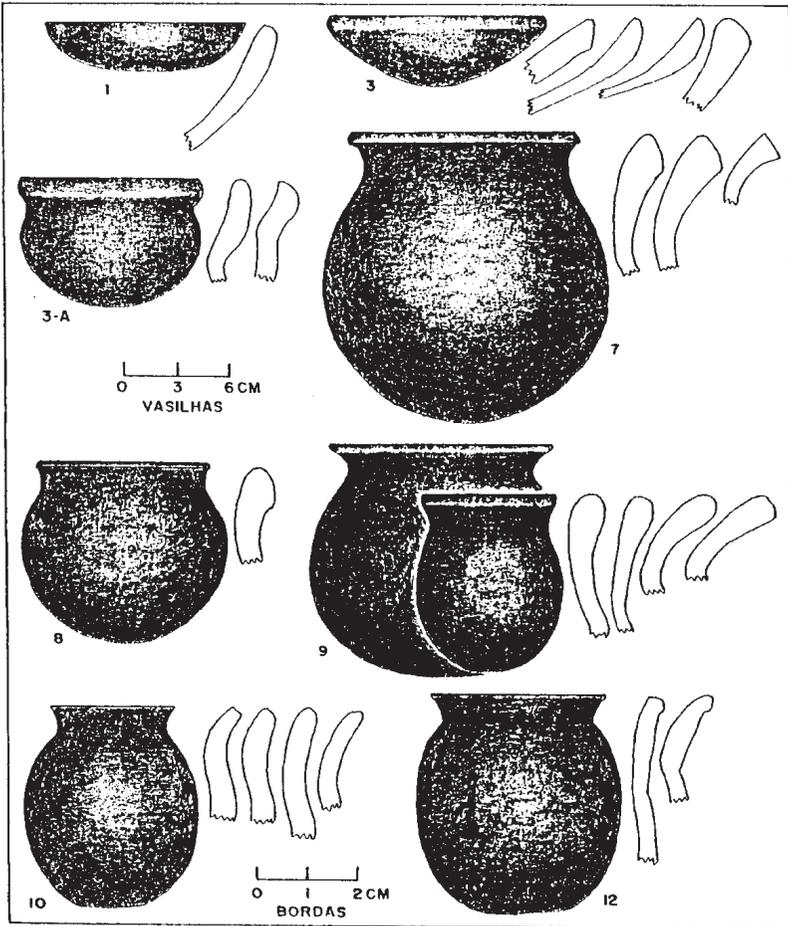


FIGURA 12. Perfis de bordas e formas reconstruídas do vasilhame dos sítios da tradição Itararé

Decoração:

Técnica: fina camada de tinta vermelha aplicada diretamente à face dos recipientes. Está parcialmente erodida;

Motivo: ocorre na face externa das vasilhas;

Formas: indeterminadas;
Espessura da parede do corpo: 4 e 5mm.

Modelagem: 50 (13,23%)

Resto de Pasta: 3

Pasta: 2 como no tipo Simples Grosso e, 1 como no tipo Simples Fino;

Descrição: restos de cordel de pasta em forma de cilindros achatados;

Dimensões: 18.18.15, 28.22.18 e 30.18.15mm.

Argila: 47

Pasta: todos como no tipo Simples Grosso;

Descrição: fragmentos de argila queimada. A porção superficial é mais queimada, plana e com leves marcas de gravetos. Abaixo dela, a massa é cinza-escuro e irregularmente fragmentada;

Dimensões: variam de 12.11.9 a 37.30.22mm.

O material lítico

Somente 35 evidências líticas foram registradas junto aos sítios desta tradição. As lascas estão representadas por lascas preparadas (11,42%), lascas utilizadas (5,70%), lasca retocada (2,86%), microlascas (8,58%) e microlasca utilizada (2,86%).

As lascas utilizadas correspondem a uma faca e um raspador de extremidade. A retocada a um raspador lateral. A microlasca foi utilizada como raspador lateral.

Os núcleos correspondem a núcleos esgotados (8,58%) e, a um núcleo retocado (2,86%) relacionado a uma lâmina de machado fragmentada.

Vinte lascas são atípicas (57,14%) e foram destacadas de núcleos pelo calor do fogo.

Excetuando-se os fragmentos atípicos, no restante da coleção a matéria-prima empregada foi: quartzo leitoso (28,58%), sillexito (21,43%), quartzo hialino (21,43%), basalto (14,28%), quartzito (7,14%) e arenito silicificado (7,14%).

Descrição do material lítico

Lasca Preparada: 4 (11,42%)

Matéria-prima: 3 quartzo leitoso e 1 quartzito;

Técnica: lascas resultantes da percussão direta. O ponto de percussão de 3 é puntiforme, com cornija e bulbo e, em 1 está quebrado;

Dimensões: 27.15.5, 27.28.10 e 38.37.6mm.

Lasca Utilizada: 2 (5,70%)

Faca: 1

Matéria-prima: sillexito (tipo II);

Técnica: lasca preparada com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Sinais de uso: no lado direito do artefato localizam-se pequenos lascamentos de uso. Atingem ambas as faces da peça e todo o seu bordo (Fig. 13, a);

Ângulo: 30°;

Dimensões: 26.27.13mm.

Raspador de Extremidade: 1

Matéria-prima: quartzo hialino;

Técnica: lasca preparada, com ponto de percussão espatifado e bulbo;

Sinais de uso: pequenos lascamentos resultantes do uso ocorrem na extremidade distal da peça. Limitam-se à sua face externa, atingindo apenas meio bordo (Fig. 13, b);

Ângulo: 60°;

Dimensões: 31.31.5mm.

Lasca Retocada: 1 (2,86%)

Raspador Lateral: 1

Matéria-prima: basalto;

Técnica: lasca preparada, com ponto de percussão puntiforme, cornija e bulbo;

Retoque: no lado esquerdo da peça ocorrem pequenos lascamentos escamados. Estes limitam-se à face interna, atingindo todo o seu bordo (Fig. 13, c);

Ângulos: 50/55°;

Dimensões: 30.40.11mm;

Sinais de uso associado: Raspador de Extremidade: na extremidade distal do artefato são vistos lascamentos de uso. Esses ocorrem marginalmente na face interna, atingindo todo o seu bordo. Ângulo: 60°.

Microlasca: 3 (8,58%)

Matéria-prima: 2 sillexito (tipo I) e 1 quartzo leitoso;

Técnica: todas como lascas preparadas. O ponto de percussão de 2 é puntiforme, com cornija e bulbo e, de 1 é espatifado, com bulbo;

Dimensões: 12.10.3, 12.10.3 e 14.15.5mm.

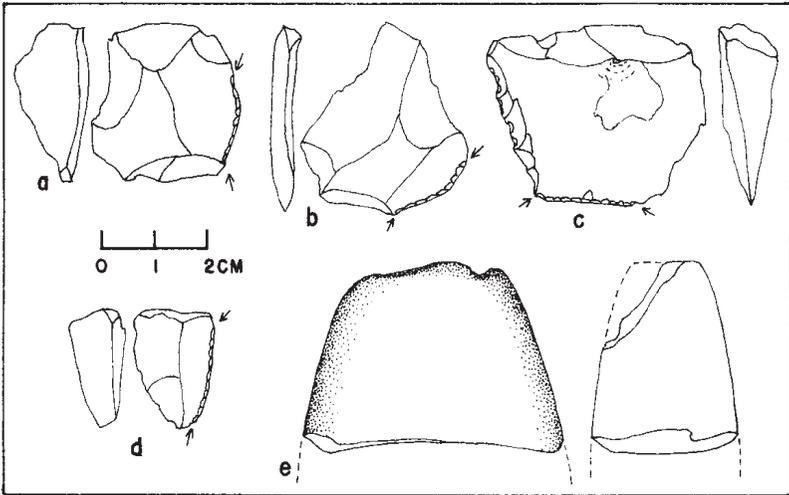


FIGURA 13. Material lítico dos sítios da tradição Itararé. a-b, lascas utilizadas; c, lasca retocada; d, microlasca utilizada; e, núcleo retocado. a, faca; b, raspador de extremidade; c, d, raspadores laterais (c, uso associado: raspador de extremidade); e, fragmento de lâmina de machado

Microlasca Utilizada: 1 (2,86%)

Raspador Lateral: 1

Matéria-prima: quartzo hialino;

Técnica: como lasca preparada, com ponto de percussão espatifado com bulbo;

Sinais de uso: no lado esquerdo do artefato ocorrem pequenos lascamentos de uso. São marginais, limitam-se à face externa e atingem todo o seu bordo (Fig. 13, d);

Ângulo: 70°;

Dimensões: 20.17.10mm.

Núcleo Esgotado: 3 (8,58%)

Matéria-prima: 1 quartzo leitoso, 1 quartzo hialino e 1 arenito silicificado;

Descrição: um núcleo com lascamentos nos lados e uma extremidade e, dois multifacetados. Foram lascados através da percussão direta e, não apresentam sinais de uso posterior;

Dimensões: 25.19.13, 30.24.20 e 70.50.27mm.

Núcleo Retocado: 1 (2,86%)

Fragmento de Artefato: 1

Lâmina de Machado: 1

Matéria-prima: basalto;

Descrição: da peça resta parte da extremidade proximal, correspondente ao talão. Apresenta a superfície bem alisada e, lascamentos em uma face, junto ao talão (Fig. 13, e). Têm secção elíptica e está com acentuada oxidação;

Dimensões: ?(35).49.28mm.

Fragmento Atípico: 20 (57,14%)

Matéria-prima: 9 basalto, 7 diabásio e 4 granito;

Descrição: fragmentos sem ponto de percussão nem bulbo. Estão alterados e devem ter sido produzidos pela ação do calor do fogo;

Dimensões: variam entre 14.12.3 e 45.17.15mm.

Análise do material da tradição Tupiguarani

O material cerâmico

As coletas superficiais e raspagens efetuadas no sítio PR CT

58 e, na área do indício cerâmico relacionados a esta tradição resultaram na obtenção de 72 fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos. A sua análise evidenciou 10 modalidades de acabamento ou decoração.

Para tempero da pasta dos recipientes foram utilizados quartzo hialino e leitoso e, com menor frequência, fragmentos de cerâmica e bolas de argila. Raramente ocorrem grânulos de hematita.

A granulometria dos antiplásticos determinou as variedades dos tipos simples em Simples com Antiplástico Grosso (acima de 2mm) e Simples com Antiplástico Fino (até 2mm).

Entre os tipos decorados, foram registrados: Engobo Vermelho (1,39%), Pintado (8,34%), Ungulado (2,77%), Ungulado-Tangente (6,95%), Digitungulado (5,55%), Ponteadado (2,77%) e Marcado com Tecido (6,95%).

Nas variedades com decoração predomina o tipo Simples com Antiplástico Fino. Entre os decorados, são mais numerosos os fragmentos com resíduos de engobo branco e classificados como pintados, seguidos daqueles com unglado-tangente e marcado com tecido.

Somente 4 fragmentos de bordas foram registrados e inferem peças em meia-calota, hemisférica e carenadas. As formas reconstituídas são: 2, 3, 34A e 36A (Fig. 14). As bases estão representadas por apenas um fragmento convexo.

Completam o acervo cerâmico 2 modelagens (2,77%), representadas por esferas de pasta achatadas.

Descrição do material cerâmico

Simples com Antiplástico Grosso: 19 (26,39%)

Pasta:

Método de manufatura: acordelado;

Antiplástico: argila arenosa. Ocorre com maior frequência, quartzo hialino e leitoso até 3mm. Fragmentos de cerâmica e bolas de argila até 3mm são menos numerosas. Grânulos de hematita até 4mm são vistos em apenas 3 fragmentos;

Textura: a maioria apresenta os antiplásticos bem distribuídos na pasta. Apenas em alguns tendem a formar aglomerados. A hematita é numerosa e está homogeneamente distribuída. Ocorrem bolhas de ar circulares em poucos. A fratura é irregular;

Cor: grande parte da amostragem apresenta o núcleo marrom-avermelhado da face externa em direção às suas porções centrais; o restante é cinza-claro. Alguns mostram-no cinza-claro ou escuro com paredes marrom;

Queima: oxidação incompleta;

Superfície:

Cor: a maioria mostra as faces marrom-claro tendendo para o avermelhado. Alguns marrom-claro na face externa e cinza na interna. Um cinza-escuro em ambas as faces;

Tratamento: as peças devem ter sido bem alisadas porém estão erodidas e, em geral, as faces são ásperas ao toque. Alguns apresentam trincaduras;

Dureza: 2,5 (predominante) e 3;

Formas: indeterminadas;

Espessura da parede do corpo: varia de 5 a 12mm, predominando de 9 a 12mm.

Simplex com Antiplástico Fino: 26 (36,12%)

Pasta:

Método de manufatura: acordelado;

Antiplástico: argila arenosa, com muito quartzo hialino e leitoso até 1mm. Menos frequentemente aparecem bolas de argila até 2mm. Em alguns casos a argila quase não contém areia e, como antiplástico, ocorrem somente bolas de argila até 2mm;

Textura: os antiplásticos mostram-se bem distribuídos na pasta Bolhas de ar circulares são raras e diminutas. A fratura é irregular;

Cor: predominam núcleos cinza-escuro com faixas laterais marrom-claro; poucos cinza-escuro uniformes;

Superfície:

Cor: grande porcentagem apresenta ambas as faces marrom-claro. Alguns marrom-claro na face externa e cinza-escuro na interna. Apenas dois mostram as duas faces cinza-escuro;

Tratamento: as peças mostram-se levemente erodidas e, poucas são ásperas ao toque. Devem ter sido bem alisadas. Apresentam-se, no entanto, trincadas e em desagregação. Manchas de queima são vistas em algumas.

Dureza: 2,5 (predominante) e 3;

Forma: 3;

Bases: indeterminadas

Espessura da parede do corpo: varia de 6 a 12mm, predominando de 9 a 10mm.

Engobo Vermelho: 1 (1,39%)

Pasta e Superfície: como no tipo Simples Grosso;

Decoração:

Técnica: camada espessa de tinta vermelha tendendo para o vinho, aplicada diretamente sobre a superfície do recipiente;

Motivo: foi aplicada na face interna da peça e, em parte da externa, até a angulação da borda;

Forma: 36A;

Base: indeterminada;

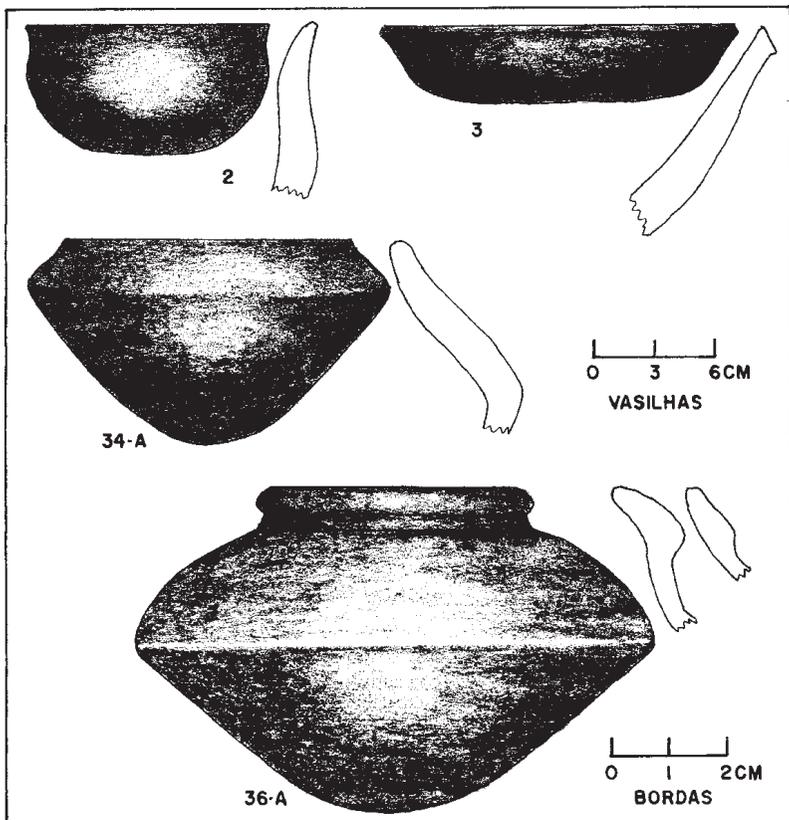


FIGURA 14. Perfis de bordas e formas reconstruídas do vasilhame do sítio da tradição Tupiguarani

Espessura da parede do corpo: 5mm.

Pintado: 6 (8,34%)

Pasta e Superfície: 3 como no tipo Simples Grosso e, 3 como no tipo Simples Fino;

Decoração:

Técnica: a cerâmica sofreu intenso processo erosivo, conservando

apenas restos de engobo branco. Este, provavelmente, era espesso;

Motivo: o engobo branco foi aplicado na face externa dos recipientes. As pinturas foram erodidas;

Formas: 36A;

Bases: indeterminadas;

Espessura da parede do corpo: varia entre 6 e 14mm;

Técnica Associada: Engobo Vermelho: na face interna de três vasilhas foi aplicada espessa camada de engobo que varia nos 3 casos, do alaranjado ao vermelho e ao vinho;

Ungulado: 2 (2,77%)

Pasta e Superfície: 1 como no tipo Simples Grosso e, 1 como no tipo Simples Fino;

Decoração:

Técnica: incisões com 1mm de largura e profundidade, causadas pela borda da unha na superfície ainda úmida do recipiente. Têm de 3 a 5mm de comprimento;

Motivo: ocorrem na face externa das peças, nas porções superiores das vasilhas, cessando na angulação do ombro. Formam linhas paralelas em sentido perpendicular à borda, não se ligando nas extremidades;

Formas: indeterminadas;

Espessura da parede do corpo: 10mm.

Ungulado Tangente: 5 (6,95%)

Pasta e Superfície: 2 como no tipo Simples Grosso e, 3 como no tipo Simples Fino;

Decoração:

Técnica: incisões causadas pela borda da unha na superfície ainda

úmida das vasilhas. Medem entre 1 e 1,5mm de largura, 0,5 e 1mm de profundidade e 3 e 8mm de comprimento;

Motivo: incidem na face externa dos recipientes. Formam linhas paralelas entre si e perpendiculares à borda, interligando-se pelas extremidades;

Formas: indeterminadas;

Base: convexa;

Espessura da parede do corpo: varia entre 7 e 8mm;

Técnica Associada: Pintado: 1 fragmento conserva, na face interna, resíduos de engobo branco.

Digitungulado: 4 (5,55%)

Pasta e Superfície: 2 como no tipo Simples Grosso e, 2 como no tipo Simples Fino;

Decoração:

Técnica: corte causado pela borda da unha na superfície úmida do recipiente, seguido pela deposição ao lado da pasta retirada. Medem entre 3 e 4mm de largura, 1 e 2mm de profundidade e 4 e 6mm de comprimento;

Motivo: ocorrem na face externa das vasilhas. Em 1 caso foram executadas das porções superiores da borda até a angulação do ombro. Formam linhas paralelas entre si e perpendiculares à borda e, são interligadas pelas extremidades. Em um caso, as digitungulações são independentes e, tendem a formar linhas paralelas entre si e à borda do recipiente;

Forma: 34A;

Bases: indeterminadas;

Espessura da parede do corpo: variam entre 7 e 9mm.

Técnica Associada: Pintado: 1 fragmento apresenta restos de engobo branco na face interna.

Ponteado: 2 (2,77%)

Pasta e Superfície: como no tipo Simples Fino;

Decoração:

Técnica: incisões largas e profundas causadas por objeto de ponta rombuda, na superfície ainda úmida dos recipientes. Medem entre 1,5 e 3mm de largura, 1 e 2mm de profundidade e 5 e 7mm de comprimento. Têm formato de gota;

Motivo: incidem na face externa das vasilhas e formam linhas paralelas entre si e à borda. São independentes, não se unindo pelas extremidades;

Forma: indeterminada;

Espessura da parede do corpo: 8mm.

Marcado com Tecido: 5 (6,95%)

Pasta e Superfície: todos como no tipo Simples Fino;

Decoração:

Técnica: marcas estreitas como unguiações. São pouco profundas. O tecido foi aplicado sobre a superfície ainda úmida das vasilhas;

Motivo: incidem na face externa, tendendo a formar linhas paralelas unidas pelas extremidades;

Forma: 2;

Base: indeterminada;

Espessura da parede do corpo: varia entre 5 e 9mm.

Modelagem: 2 (2,77%)

Pasta: como no tipo Simples Grosso;

Descrição: esferas achatadas de pasta queimada. Medem 14.14.10 e 21.18.11mm.

O material lítico ²

O material lítico coletado neste sítio está representado por 9 peças, correspondentes a 2 núcleos utilizados (22,22%) e, a 7 núcleos retocados (77,78%).

Os primeiros foram elaborados sobre quartzo hialino e riolito e, inferem um percutor e um triturador, respectivamente. Entre as peças retocadas, 5 são lâminas de machados confeccionadas em diabásio e microgabro. Duas estão fragmentadas e corresponderiam a mãos de pilão. Estas foram executadas em basalto e siltito.

Para o lascamento das peças foi utilizada a percussão direta e, para o retoque, picoteamento seguido de alisamento.

Descrição do material lítico

Núcleo Utilizado: 2 (22,22%)

Percutor: 1

Matéria-prima: quartzo hialino;

Descrição: seixo-rolado;

Sinais de uso: a peça apresenta esmagamentos intensos no bordo de um lado e de uma extremidade (Fig. 15, a);

Dimensões: 110.60.35mm.

² *O material lítico relacionado ao sítio foi doado pelo proprietário da área, Sr. Thomaz Kugchen. De acordo com suas informações, o local pertence à família há várias gerações e, quando do início da exploração agrícola da área, vasilhas cerâmicas e artefatos líticos como mãos de pilão e lâminas de machado eram encontrados, sendo doados a pessoas amigas*

Triturador: 1

Matéria-prima: riolito;

Descrição: seixo-rolado com córtex áspero;

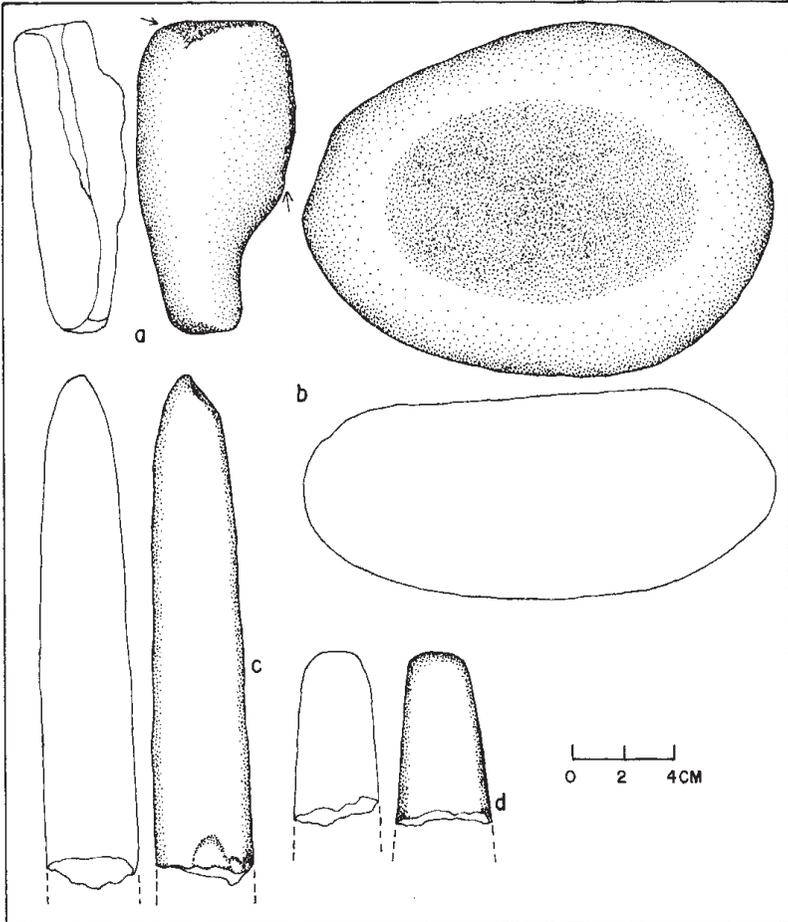


FIGURA 15. Material lítico do sítio da tradição Tupiguarani. a, b, núcleos utilizados; c, d, núcleos retocados. a, percutor; b, triturador; c, d, mãos de pilões (fragmentos)

Sinais de uso: em uma das faces do artefato uma área com 115 X 75mm mostra-se aplanada pela abrasão (Fig. 15, b);

Dimensões: 180.130.70mm.

Núcleo Retocado: 7 (77,78%)

Lâmina de Machado: 5

Matéria-prima: 4 diabásio e 1 microgabro;

Técnica: as peças conservam restos de lascamentos resultantes de percussão direta nos lados e, em porções contíguas das faces;

Retoque: todos os artefatos receberam alisamento na superfície. Em 2 há marcas do martelamento (picoteamento), que antecedeu o

alisamento. A forma de 3 é petalóide e de 2, retangular (Fig. 16). O talão é apontado em 2, convexo em 2 e reto em 1. O gume é convexo em 4 e quase reto em 1. A secção de todas é elíptica. Em 2 ocorrem riscos de lâmina de arado (recentes);

Dimensões: 100.60.18, 154.49.28, 176.55.39, 187.123.38 e 200.75.27mm.

Fragmento de Artefato: 2

Mão de Pilão: 2

Matéria-prima: 1 basalto e 1 siltito;

Técnica: o retoque eliminou marcas de preparo inicial das peças;

Retoque: os artefatos tiveram toda a superfície alisada. Conservam, no entanto, resíduos de martelamentos. Deles resta a porção proximal, a qual é convexa em 1, e apontada em outro. Têm forma cilíndrica, com estreitamento em direção à extremidade proximal. Apresentam secção circular (Fig. 15, c, d);

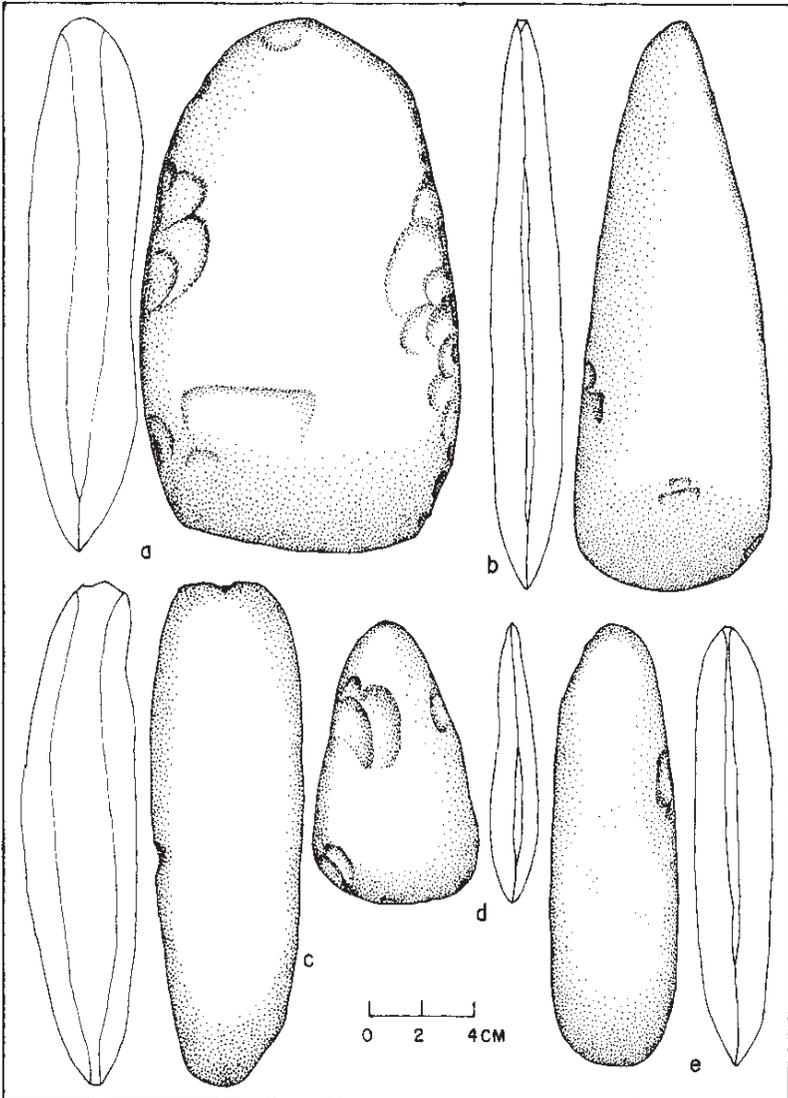


FIGURA 16. Material lítico do sítio da tradição Tupiguarani. a-e, núcleos retocados. a-e, lâminas de machados

Dimensões: ?(60).37.35 e ?(180).37.36mm.

Análise do material da tradição Neobrasileira

O material cerâmico

Nas coletas superficiais efetuadas no sítio PR CT 56 foram obtidas 15 evidências cerâmicas. Estão representadas por cerâmica torneada (6,67%), louça porcelana (53,33%) correspondentes a fragmentos de pratos e, telhas goivas (40%).

Descrição do material cerâmico

Cerâmica Torneada: 1 (6,67%)

Pasta:

Método de manufatura: torneada;

Antiplástico: argila arenosa, com fragmentos de quartzo hialino e leitoso até 2mm;

Textura: a areia fina natural da pasta está bem distribuída. O quartzo mostra-se esparsamente. A fratura é irregular;

Cor: núcleo marrom-claro uniforme;

Superfície:

Cor: ambas as faces amarelo-claro;

Tratamento: a face externa da vasilha foi bem alisada. A interna foi também alisada, mas mostra-se levemente erodida. Apresenta na face externa, fina camada de pasta com suave coloração vermelha;

Dureza: 4;

Forma: indeterminada;

Espessura da parede do corpo: 6mm.

Louça Porcelana: 8 (53,33%)

Pasta:

Método de manufatura: industrial;

Antiplástico: apresenta somente areia fina;

Textura: a pasta de todas é homogênea;

Cor: núcleos brancos uniformes;

Superfície:

Cor: todas mostram as faces brancas;

Tratamento: as faces dos recipientes são lisas, com fina camada vitrificada. Um fragmento de borda apresenta na face externa, em baixo relevo, linhas paralelas onduladas. Um fragmento de base mostra na face interna, parte de um logotipo, possivelmente uma embarcação, e a letra J seguida de &;

Dureza: 6;

Formas: fragmentos de pratos;

Bordas: 24cm de diâmetro;

Bases: plana em pedestal;

Espessura da parede do corpo: varia entre 3 e 5mm.

Telha Goiva: 6 (40%)

Pasta:

Método de manufatura: forma;

Antiplástico: argila arenosa. Apresenta fragmentos de quartzo leitoso até 5mm e grânulos de hematita até 4mm;

Textura: a areia natural da pasta mostra-se homogeneamente distribuída. Os demais antiplásticos ocorrem esparsamente. A fratura é irregular;

Cor: núcleos amarelo-claro uniformes;

Superfície:

Cor: todas com as faces amarelo-claro;

Tratamento: a face externa mostra-se bem alisada, com marcas de dedos paralelas entre si e em sentido longitudinal da telha. A face interna é áspera, regular e sem alisamento;

Dureza: 3,5;

Forma: telhas goivas ou em meia-cana;

Espessura da parede do corpo: varia entre 12 e 17mm.

O material lítico

Um almofariz elaborado em siltito e, fragmentado em um dos lados foi, a única evidência lítica constatada.

Descrição do material lítico

Núcleo Retocado: 1

Fragmento de Artefato: 1

Almofariz: 1

Matéria-prima: siltito;

Técnica: seixo-rolado. A peça está quebrada em um lado. A fratura é recente. Apresenta na superfície, danos causados por disco de arado;

Retoque: a peça mostra depressões nas faces. Em uma é mais profunda e, conserva sinais de picoteamento na periferia. Na face

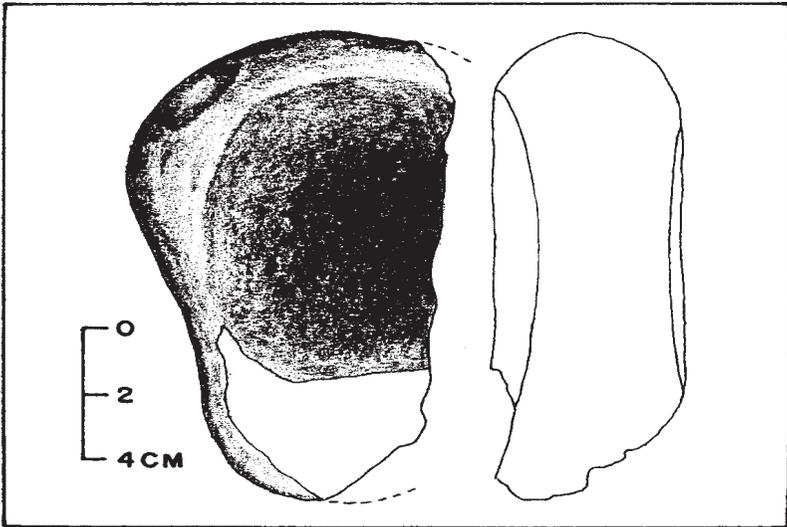


FIGURA 17. Fragmento de núcleo retocado como almofariz do sítio da tradição Neobrasileira

oposta é mais rasa e foi produzida, também, por picoteamento. Esta não chegou a ser usada, pois não apresenta desgaste. As depressões alcançam 100m e 3mm de profundidade, respectivamente (Fig. 17);

Dimensões: 140.?(70).42mm.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As pesquisas desenvolvidas pelo Projeto Arqueológico Contorno Leste de Curitiba confirmam e complementam a periodização da ocupação humana estabelecida para o planalto curitibano.

Embora a abordagem tenha se restringido, em função da futura obra de engenharia civil, a um espaço geográfico linear, estreito e em sentido distoante ao das rotas naturais de povoamento, revelou-se produtiva. Os sítios encontrados estavam nos trechos do traçado rodoviário próximos aos cursos fluviais. Este fato é indicativo da grande

potencialidade arqueológica da região.

Os restos malacológicos constatados em uma propriedade agrícola ao lado do traçado rodoviário documentam uma fase triste da pré-história brasileira. No Estado do Paraná, anteriormente à promulgação do Decreto-Lei nº 1.346/51 e da Lei Federal nº 3.924/61, sambaquis do litoral foram desmontados e usados para o revestimento de rodovias e como corretivo da acidez do solo.

Os sítios pré-cerâmicos PR CT 55 e PR CT 59 correspondem aos indícios de ocupação humana mais antiga na área da pesquisa. O acervo definido pela análise permite que sejam relacionados à tradição Umbu. Apresentam afinidades com a fase Iguaçu, estabelecida no curso médio do rio homônimo, mas poderão constituir nova fase da tradição, juntamente com outros sítios estudados anteriormente nos arredores.

As datações radiométricas para a tradição Umbu no Estado do Paraná são poucas. As existentes para a fase Iguaçu oscilam entre 1160 ± 140 a.C. e 915 ± 90 d.C. Um sítio desta tradição, escavado próximo à nascente do rio Pequeno, proporcionou datas variando entre 720 ± 80 a.C. e 1195 ± 60 d.C.³

Os sítios deste Projeto não possibilitaram a coleta de material orgânico datável; em outros locais trabalhados na região também não foram conseguidas amostras para tal fim.

No espaço de um sítio cerâmico escavado ao lado de Curitiba, durante o Projeto Arqueológico Passaúna, foram obtidas duas datações pelo método do Carbono-14. A diferença de 390 anos constatada entre as duas poderia indicar a reocupação do lugar pela mesma tradição ou a sua ocupação posterior por grupo de tradição distinta. A de 1102 ± 70 d.C. encaixa-se no contexto das datações mais recentes da tradição Umbu; a segunda, de 1492 ± 50 d.C., cronometraria a ocupação ceramista.

Na época da escavação do sítio cerâmico não foram registradas peças arqueológicas referentes aos pré-ceramistas; os seus sítios porém, estavam próximos e, os carvões coletados para a datação poderiam estar relacionados à uma estrutura de combustão

³ *Sítio PR CT 35, pesquisado por José Wilson Rauth (comunicação pessoal em 1972)*

esporádica, quando do desempenho de suas atividades de caça ou coleta.

Outras ocorrências da tradição Umbu nos Estados de Santa Catarina e São Paulo apresentam, também, datas recentes. No centro-norte do primeiro Estado, a fase Itaió está situada entre 1290 ± 80 d.C. e 1660 ± 80 d.C. (PIAZZA, 1974, p.61); em São Paulo, um sítio da fase Betari, definida no médio vale do Ribeira, obteve a data de $700 \pm$ d.C. (DE BLASIS, 1996, p.60)

No Estado do Rio Grande do Sul a fase Umbu, que deu origem à tradição, teve um sítio datado entre 4000 ± 190 a.C. e 2330 ± 180 a.C. (MILLER, 1974, p.14). Conforme o mesmo autor, outra fase desta tradição, a Itapuí, estender-se-ia entre 2050 a.C. e 950 d.C.

Esses dados, além de inferir o deslocamento da tradição do sul para o norte no território brasileiro, estariam sugerindo retornos. No planalto curitibano, entretanto, a sua implantação seria recente e, talvez conflitante no momento em que o espaço passou a ser ocupado pelos ceramistas.

Cotejando-se os sítios da tradição Umbu agora trabalhados e os demais conhecidos na região fica delineado, embora ainda como esboço, um padrão de assentamento que inclui sítios-habitação, sítios-acampamento e locais com raros e esparsos indícios.

Os primeiros abrangem áreas maiores, que comportariam várias habitações. Na camada arqueológica desses sítios ocorrem, em grande quantidade, resíduos de lascamento e núcleos esgotados; os artefatos são numerosos, diversificados e apresentam melhor qualidade de acabamento. Os sítios-acampamento são menores, indicando a ocupação de uma ou duas habitações. Os resíduos de lascamentos são numerosos, mas os núcleos esgotados são escassos e, a quantidade e diversidade dos artefatos são menores. Nos artefatos retocados, a qualidade do acabamento é ruim.

Uma ponta de projétil pedunculada encontrada isoladamente na área do Contorno Leste de Curitiba exemplifica o terceiro tipo de depósito arqueológico, que é resultante de atividade periférica emanada de um dos dois anteriores.

Os dois primeiros tipos de sítios poderiam ser interpretados como locais de permanência mais duradoura por um número maior de pessoas e de permanência mais curta por um número menor de

pessoas, respectivamente. A constituição dos sítios-acampamento seria em conseqüência da necessidade da exploração temporária de espaços mais distantes por parcelas dos sítios-habitação.

Os sítios-habitação, por outro lado, poderiam corresponder às aldeias que foram implantadas inicialmente, quando os umbus chegaram à região e passaram a usufruí-la sem concorrência. Os sítios classificados como acampamento seriam, na verdade, as aldeias implantadas mais recentemente, refletindo uma população mais rarefeita e em crise.

Ao abordar sítios da tradição Umbu no médio curso do Ribeira, em São Paulo, DE BLASIS (1988, p.136) caracterizou um padrão de assentamento constituído por agrupamentos de vários sítios considerados como bases habitacionais encerrando vestígios de atividades diversificadas, cercados por sítios satélites, que seriam unidades residenciais menores, associadas às anteriores e instaladas para o desempenho de atividades específicas.

Os sítios PR CT 57 e PR CT 60 representam a tradição Itararé na área da pesquisa. Pelas dimensões apresentadas podem ser considerados como sítio-habitação e sítio-acampamento, respectivamente. São comparáveis aos da fase Açungui definida pelo PRONAPA no alto curso do Iguaçu. Essa pesquisa abarcou um espaço geográfico extenso e possibilitou a constatação da contemporaneidade da fase Açungui com outras da tradição Tupiguarani. Constatou-se, também, a contemporaneidade de uma das fases Tupiguarani com os primeiros europeus.

O sítio cerâmico Itararé da área do Projeto Arqueológico Passaúna, que foi comentado acima, proporcionou duas datações. A mais recente, de 1492 ± 50 d.C., indica a presença daqueles índios no planalto curitibano pouco antes da chegada dos europeus. Em outras regiões paranaenses, paulistas e catarinenses, onde a tradição foi detectada, existem datações que a estendem até o século XVII e XVIII da nossa Era. No médio curso do Iguaçu, entretanto, além de datas pós-cabralinas, ocorrem outras que recuam a tradição para o início do século III.

É possível que os itararés mantivessem no primeiro planalto paranaense um padrão de implantação parecido com um dos esquematizados para os umbus: sítios-habitação, correspondendo

às aldeias maiores e ocupadas por mais tempo, sítios-acampamento, representando habitação ou habitações menores afastadas das primeiras e delas derivadas para práticas agrícolas e uma exploração mais eficiente dos recursos naturais. Pequenas ocorrências isoladas de material cerâmico e lítico atestariam, neste esquema, paradas curtas ligadas às atividades de caça, coleta e obtenção de matéria-prima.

Para a tradição Itararé no médio curso do Ribeira, em São Paulo, ROBRAHN (1989, p.131) propõe um padrão de assentamento que incluiria um “sítio habitação denso” cercado por vários “sítios habitação”, os quais teriam geralmente “sítios satélites” ao redor. Esse conjunto de estruturas representaria um grupo humano atuando concomitantemente em determinado território.

A tradição ceramista Tupiguarani está assinalada na área do Projeto pelo sítio PR CT 58 e, pelo indício de atividade isolada C-1. O sítio apresentava pequena área, o que o caracteriza como acampamento.

O acervo reunido mostra semelhanças com os que foram definidos nas fases Imbituva e Guajuvira e, com os de outros sítios estudados nas proximidades de Curitiba. Um dos estudados pelo Projeto Arqueológico Passaúna forneceu a data de 1422 ± 70 d.C., colocando-o quase na mesma faixa temporal da tradição Itararé.

A contemporaneidade das duas tradições e, a sua continuidade na região em tempos históricos está implícita nas fases Imbituva e Guajuvira, quando se constatou intrusão e aculturação de traços da fase Açungui e, a presença de peça metálica européia em um dos componentes da fase Imbituva.

Na cerâmica de um dos sítios Tupiguarani do Projeto Arqueológico Passaúna havia forte influência tecnológica européia.

O conhecimento que atualmente se tem da tradição Tupiguarani no planalto curitibano indica que a sua implantação no ambiente foi, também, através de sítios-habitação e sítios-acampamento relacionados.

O sítio PR CT 56 registrado pelo Projeto refere-se à tradição Neobrasileira. Os indícios recolhidos pertencem ao estágio final da tradição, quando se constata a ausência significativa dos traços indígenas.

A sua origem está no contato verificado entre os europeus e um dos grupos tribais. Os sítios que apresentam indícios desse contato são os da tradição Tupiguarani, como o do Projeto Arqueológico Passaúna citado acima. Nos sítios da tradição Itararé não foram encontradas, até o momento, peças de origem européia e não se caracterizou, também, a sua influência nos objetos produzidos pelos índios.

PARTICIPANTES DO PROJETO

Eliane Maria Sganzerla: pesquisadora do CEPA/UFPR; Coordenadora Geral do Projeto. Participou de parte dos trabalhos de Campo. Em laboratório, trabalhou na análise e redação do relatório técnico-científico.

Igor Chmyz: Diretor do CEPA/UFPR; responsável pelos desenhos técnicos, análise e redação do relatório técnico-científico.

Jonas Elias Volcov: pesquisador do CEPA/UFPR; responsável pelos trabalhos de campo, plantas, croquis dos sítios arqueológicos registrados.

Rucirene Miguel: estagiária do CEPA/UFPR; participou dos trabalhos de campo e, em laboratório, do levantamento etno-histórico sobre a ocupação humana na área.

Antonio Carlos M. Cavalheiro: estagiário do CEPA/UFPR; participante dos trabalhos de campo. Em laboratório, participou da limpeza e marcação do material coletado.

Laércio Loiola Brochier e Luiz Fernando Erig Lima: estagiários do CEPA/UFPR; trabalharam na classificação da matéria-prima lítica. O primeiro participou, ainda, de atividades de campo em finais de semana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEMIG/LEME. **Programa de salvamento arqueológico da UHE Nova Ponte - Atividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná.** Companhia Energética de Minas Gerais/LEME Engenharia S.A., Belo Horizonte, 1995, 345 p.
- CHMYZ, Igor. **Pesquisas Arqueológicas no Alto e Médio Rio Iguaçu. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi,** Belém, v.13, p.103-125, 1966.
- _____. **A Ocupação do Litoral os Estados do Paraná e Santa Catarina por Povos Ceramistas. Estudos Brasileiros,** Curitiba, v.1, n.1, p.7-43, 1976.
- _____. **Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no estado do Paraná, Brasil. Hombre y Cultura,** Panamá, v.3, n.2, p. 5-19, 1977.
- _____. **Pesquisas de Arqueologia Histórica no Paraná. Dédalo,** São Paulo, v.24, p.171-197, 1985.
- _____. **A Pré-História Paranaense. História do Paraná. Idéias em Debate,** Curitiba, v.5, p.7-26, 1986.
- _____. **Arqueologia de Curitiba. Boletim Informativo da Casa Romário Martins,** Curitiba, v.21, n.105, p.3-54, 1995.
- CHMYZ, Igor, CHMYZ, João C.G. e SGANZERLA, Eliane M. **O Projeto Arqueológico Passaúna, Paraná. Arqueologia,** Curitiba, v.5, p.35-41, 1986.
- DE BLASIS, Paulo A. D. **A Ocupação Pré-Colonial do Vale do Ribeira do Iguape, SP. Os Sítios Líticos do Médio Curso,** São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1988. 178p.
- _____. **Bairro da Serra em Três Tempos. Arqueologia, Uso do**

Espaço Regional e Continuidade Cultural no Médio Vale do Ribeira, São Paulo, Tese de Doutorado, 1996. 176p.

EVANS, Clifford e MEGGERS, Betty J. Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil. **Guias**, Belém, v.3, p.1-57, 1965.

FORD, James A. Método Cuantitativo para Estabelecer Cronologías Culturales. **Manuales Tecnicos**. Washington, D.C.,v.3, p.1-122, 1962.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**, Curitiba, s/d., 378p.

MEGGER, Betty J.e EVANS, Clifford. **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica**. Washington, D.C., 1970. 105p.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas em Abrigos-sob-Rocha no Nordeste do Rio Grande do Sul. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v.26, p.11-24, 1974.

MOREIRA, Júlio E. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá até a Emancipação da Província do Paraná**, Curitiba, v.3, 1045p., 1975.

PIAZZA, Walter F. Dados à Arqueologia do Litoral Norte e do Planalto de Canoinhas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v.26, p.53-66, 1974.

PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas). Arqueologia Brasileira em 1968. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v.12, p.1-33, 1969.

RITTER, Marina L. **As Sesmarias do Paraná no Século XVIII**. Curitiba, Instituto Histórico e Etnográfico Paranaense, 1980. 250p.

ROBRAHN, Erika M. **A Ocupação Pré-Colonial do Ribeira do Iguape, SP. Os Grupos Ceramistas do Curso Médio**, São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1989.175p.

SAINT HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**, Belo Horizonte/São Paulo, v.9, 1978. 209p.

VIEIRA DOS SANTOS, Antonio. **Memória Histórica da Cidade de Paranaguá e seu Município (1850)**, Curitiba, v.1, 1951. 405p.

